

1927

BRAND

MADE

IN

ITALY

1927



O VICIO EM DOUTRINA

DRAMA ORIGINAL EM 4 ACTOS,

COMPOSIÇÃO DE

AUGUSTO PINTO PACCA

MEMBRO DO CONSERVATORIO DRAMATICO DA BAHIA.



RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA — POPULAR — DE AZEREDO LEITE,
RUA NOVA DO OUVIDOR N. 9.

—
1862.

O VICIO EM DOUTRINA

DRAMA ORIGINAL EM 4 ACTOS

COMPOSICAO DE

AUGUSTO PINTO PACCA

MEMBRO DO CONSERVATORIO DRAMATICO DA BAHIA



TYPOGRAPHIA POPULAR DE AZEVEDO LITTA
RUA NOVA DO QUIVOD N. 1
RIO DE JANEIRO

1882

O VICIO EM DOUTRINA

DRAMA EM 4 ACTOS

O. C. D.

AO EXM. SR. CONSELHEIRO

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

© autor.

AOS LEITORES.

Não asseguro ser idéa propria, até presumo ter lido o pensamento, que, forçado pelo embarço a que me sugeita o presente momento, vou enunciar :

Escrever um prefacio é a meu ver mais difficil que compôr um drama ; ora, essa difficuldade perfeitamente podia ser evitada pela suppressão delle, mas não faltava mais nada, do que elevar a minha audacia ao grão de fazer publicar uma cousa a que chamo *drama*, sem expôr o motivo que me conduziu a compô-la, e, ainda mais, à louca pretensão de a fazer apparecer : Educando do collegio de S. Pedro de Alcantara, era a todos os momentos atenazado pelas palavras de meus respeitaveis mestres, que exprimiam a lamentação do nenhum apreço que dava à intelligencia de que era dotado ; ora, tendo eu cabal conhecimento do que era, comparativamente a aquelle que devia ser assim classificado, com esforço refreava uma estrondosa gargalhada ao ouvil-as proferir, mas a constancia dellas me collocou na deploravel situação de me considerar alguma cousa ; no entretanto, soffria horriavelmente ante a impossibilidade de justificar aquellas lamentações que me perseguiram até a escola militar. onde tambem representei um papel desfavoravel ; ora, dizia eu comigo : se fui máo estudante, como collegial, se o continuo a ser como academico, em que terreno reconhecerei a habilidade que se me quer imputar ? E semelhante ao homem de bom instincto que por circumstancias se vê forçado a commetter um crime, concebi a tremula idéa de me arremessar à litteratura, e antes que, como todas as demais, se me esvasse aquella, plantei-me no banco de minha escrivaninha com o gigantesco e firme proposito de converter em drama o bello romance *Conde de Monte Christo*. Escrevi duas ou tres folhas de papel, reconhecendo então estar plan-

tado no fatal escabello do desengano; desisti, por tanto da empreza; mas as illusões dos dezoito annos se me foram convertendo em acres realidades, e com dôr profunda e eterna eu vi envolver-se o meu pensar daquelles annos de fogo no denso e desanimador manto do de sessenta, porque realmente fallando, eu não pude ainda descortinar o segredo que occulta os prazeres da vida que vou arrostando com o unico intuito de supportar a imposição que por Decreto Supremo me foi conferida.

Bem se vê, portanto, que o homem em cujo coração se tem enraizado a mais compacta esterilidade de paixões, precisa procurar um meio de se não deixar definhar ou de não viver no mundo como materia bruta. Esse meio me foi apontado no doiralo campo da imaginação, onde os meus castellos se elevam á mais sumptuosa altura, para de lá se desmornarem com a mesma facilidade com que são edificados.

Sem um outro passatempo, além do de mortificantes soffrimentos, procurei um dia registrar-os de maneira conveniente á justificação precisa, sendo porém mais violentamente repellido. Agora, concebam os leitores o grão de desanimo com que eu que tanto me cinjó, aos antigos adagios, resolvi pela terceira vez realizar o meu mais ardente desejo, isto é, resolvi compôr um drama em qualquer sentido.

Presumindo terceira derrota tive em mente escrever alguma cousa para fazer rir os meus afeiçãoados, mas não sei por que phenomeno conclui o primeiro acto daquillo a que o espirito animador dos meus amigos chamou drama, o que importou o jurar apresentar-me de braço dado com o professor Jeremias, que ainda por auge de felicidade vi representar na Bahia.

Publicar uma carta a mim dirigida pelo illustrado Sr. Dr. Agrario de Souza Menezes, digno presidente do conservatorio dramatico daquella provincia, importaria expôr uma prova de sua monumental bondade, mas que comprometteria a rectidão do juizo critico do autor de *Calabar*.

Publicar tambem o juizo exposto pelas formaes autoridades os illustrados Srs. Drs. Alvares da Silva, Carlos Frederico e Juvencio Alves de Souza, importaria tambem comprometel-as; eu, além da fineza que lhes devo, devo-lhes mais, amizade consideração e respeito, o que me aconselha a envidar todos os meus esforços, afim de subtrahil-os á tal compromettimento. O drama que ides ler, foi, a expensas da benevolencia bahiana, altamente applaudido em sua representação; mas divergindo a representação de um drama da publicação delle, nunca tive a idéa de satisfazer as pertinacias instancias dos meus amigos e o meu mais ardente desejo, *maximè* na época em que a publicação do *Luxo e Vaidade, Moça Rica, etc.*, collocará a minha no obscuro lugar a que tem incontestavel, direito, tanto maior quanto foi a obstinação de todos a quem recorri para a simples revisão das provas; mas querendo a todo transe demonstrar ao Exm. Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos a alta estima, distincta consideração e reverencia que tributo á sua pessoa, deliberei offerar-lhe o meu pobre trabalho; offerta que, sendo abraçada, me aconselhou a publical-o, porque, tão solidamente amparado, perguntarei a quem se julgar habilitado a responder-me:— O que poderei receiar?

Na verdade, a lembrança de offerer ao Estadista eminente, ao monumento da intelligencia, um trabalho litterario coberto de defeitos e imperfeições que eu mesmo reconheço, é certamente desastrada, se entretanto para uma correcção por sem duvida ardua, mas da qual seria eu capaz, fosse mister o precioso dote que não possuo, ainda assim subtrahir-me-hia sem responsabilidade a esse affanoso trabalho, porque a intelligencia, não pôde ser refreida e recalcada pelas constantes tribulações a que nos sujeitam as vicissitudes da vida miseranda. Se, porém, a minha felicidade se elevar ao grão de simplesmente fazer-me escapar ao ridiculo, a publicação de *Pedro Ivo*, a que me comprometto, resalvará, talvez a minha precipitação.

Alguem que não conhecer a altivez do meu character des-

cobrirá na minha offerta, que é singella, um duplo fim de adulação; não, não ha, porque nem eu conheço mais degradante cortejo, nem mesmo o Exm. Sr. conselheiro Paranhos abriria agora a sua pasta de Ministro, para n'ella depôr a minha desprezível adulação Aceite, pois, S. Ex. o quanto possa abranger a linguagem de intima sympathia e profundo respeito do

AUTOR.

PERSONAGENS.

Antonio Marcos, *commendador.*

Joanna, *sua mulher.*

Eduardo, }
Alfredo, } *seus filhos.*

Jeremias, *professor.*

Caetano da Silva, *capitalista, padrinho de Eduardo.*

Carolina, *prima de Joanna.*

Honorina, *filha de Carolina e amante de Eduardo.*

Aurelio, *amigo de Alfredo.*

Anastacio, *criado de Antonio Marcos.*

Anacleto, *criado de Jeremias.*

Um soldado.

Um sargento.

1º, 2º, 3º e 4º alumnos.

1º e 2º desertores.

Alumnos, soldados, etc., etc.

A scena passa-se no Rio de Janeiro em 1843.

ERRATAS.

ACTO PRIMEIRO—Pag. 11—3ª linha, onde se lê: regateira em carne humana; lêa-se regatear a carne humana.

ACTO SEGUNDO—Scena VII—Antes da sahida de Aurelio, Alfredo diz:—Que tratante...

Scena XI—onde diz— os mesmos e Caetano — lea-se — os mesmos menos o soldado.

Scena XII—pag. 48—onde Caetano diz—Ora pelo amor de Deus, o que é?...—lea-se—Ora pelo amor de Deus! o que não póde ser o ladrão.

ACTO TERCEIRO—Scena IV.—Onde Alfredo diz — Com é que não ignores—lea-se—Bom é que não ignores, etc.

Na ultima scena onde Carolina diz—Com o eterno desprezo—lea-se—Com o mais eterno desprezo, etc.

ACTO QUARTO—Scena VI—Eduardo sahe antes da entrada de Jeremias.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa o collegio de Jeremias ; bancos, mezas, cadeiras, e mais preparos escolasticos. A' D. uma mesa redonda sobre a qual existe uma caixinha que contém um baralho de cartas e fixas, um sophá junto á essa mesa. A' E. uma janella, e junto a esta uma pedra. Porta de entrada ao F.—Jeremias vestido de chambre está em posição de leccionar alguns alumnos que rodeiam a pedra sem prestarem a menor attenção. Quasi todos fumam, sobre uma cadeira está o paletot e chapéo de Jeremias.

Scena I.

JEREMIAS, EDUARDO E MAIS ALUMNOS.

JEREMIAS.

Não posso comprênder como o Sr. Paulino não sabe uma lição pas-sada ha tres dias ; hoje vou á casa de seu pai afim de lhe fazer saber que o senhor, emprega o seu tempo em cousas muito diversas das lições que se passam.

PRIMEIRO ALUMNO, *em meia voz.*

Póde dizer o que bem lhe aprouver, porque lhe farei igualmente saber o que por aqui se passa.

JEREMIAS.

O que está o senhor ali a dizer ? O que ha de o senhor fazer saber ? Ah ! quer talvez fallar relativamente ao jogo ? Se jôgo, é depois da lição, e quando os senhores têm dinheiro, e *demais áisso*, não me responda.

SEGUNDO ALUMNO, *rindo.*

E ainda que vá este bobo dizer ao pai que nós jogamos, o que nos ha de elle tazer ?

JEREMIAS, *levanta-se.*

Que me importa que elle vá dizer ao pai que eu jôgo ? Jôgo com todos, menos com elle, que nem se quer tem geito para isso ; é como o tal Sr. Eduardo que não sei de que serve ser rico, senão sabe aproveitar seu capital ; não sabe procurar augmental-o. Pois meus amigos, os senhores não sabem que

quem não joga, não experimenta sensações, e que quem não experimenta sensações desconhece o verdadeiro viver? Ignoram que para se apreciar o bem que sabe o ganhar, é preciso soffrer as torturas que acompanham os prejuizos. (*Aparte.*) E' horrivel pensar nelles! (*Alto.*) Ora pelo amor de Deus! Como querem os senhores passar esta vida tão coberta de pergrinações? Olhem, a lição está acabada, agora vamos ao *monte*; e experimente Sr. Eduardo, para vêr como o senhor se ha de dar bem. (*Senta-se á mesa redonda, abre a caixinha, e conta para si as fixas.*)

SEGUNDO ALUMNO, para Eduardo.

Jóga, pedaço d'asno, e sentirás o prazer que se tem quando se faz uma grande parada e se espera ancioso o resultado della, experimenta e verás o prazer que se tem quando se vê dispostar a pinta de uma carta sobre a qual se parou, experimenta finalmente para veres como serás senhor de dinheiro, que dissiparás sem o menor pezar! Não vês como tenho relógio, calças a balão, moças que me procuram, etc., etc., ao passo que tu poderás dispende porque teu pai é rico; porém sempre pezaroso...

EDUARDO.

Eu pedia jogar, mas é que é uma das cousas que meu pai mais me recommenda que não faça!...

JEREMIAS, acabando de contar as fixas.

Deixa este bobo, que tem medo de jogar: pensa que o jogo é algum animal feroz. (*Para os alumnos que têm rodeiado a mesa.*) Meus senhores, quanto querem de fixas?

SEGUNDO ALUMNO.

Dê-me vinte mil réis; hoje preciso muito ganhar; porque a namorada pedio-me que fosse a seus annos, que são amanhã; e bem se vê que não posso lá ir com um paletot já vestido. (*Dá dinheiro e recebe fixas.*)

JEREMIAS.

Ha de ganhar, porque ando muito infeliz estes dias. (*Para Eduardo.*) Sr. Eduardo, agora é que é aproveitar. (*Principia a bancar o—monte—, seguem se palpites, propostas de augmento e diminuição de paradas, impaciencias, repre-*

hensões, etc., etc., sendo porém Jeremias vencedor em todas as paradas. Eduardo está isolado e pensativo.)

EDUARDO, aparte.

Ora, se eu jogar, certo estou de que serei feliz; porém meu pai pinta a vida de jogador com tão negras côres, que se lhe constar que eu jôgo, certamente ficará mal comigo por muito tempo; mas, como ha de elle saber? Demais, Carlos é querido das moças, porque passa com luxo; é respeitado por todos, porque faz generosidades; paga ceias nos hoteis... e eu poderei fazer a mesma figura, ou melhor ainda; porque meu pai mora em palacete, tem carro em que possam passeiar, excellentes cavallos; nada me resta ter se não dinheiro para gastar com os amigos; e á vista disso vou jogar, o que farei, em quanto me der bem, e com tal resolução subtraio-me a indifferença com que me trata essa canaglia. (*Reflectindo.*) Mas se eu perder... Qual! não posso perder, e se a fatalidade tanto permittir, meu pai segundo me disse, tem de mandar fazer o pagamento da letra que se vence hoje, e certamente Jeremias não resistirá a uma tão grande quantia. Está resolvido: vou jogar. (*Alto.*) Meus senhores, vou jogar, porém, peço-lhes que nem por sonho fação constar isso; porque será horrivel que meu pai tenha sciencia de tal. (*Para Jeremias.*) Sr. professor, forneça-me cincoenta mil réis de fixas. (*Dá dinheiro e recebe fixas.*)

JEREMIAS.

Viva Eduardo que se alista em nossas fileiras!

TODOS.

Viva! Viva o Eduardo!...

TERCEIRO ALUMNO, com desespero.

Apri! que não acerto uma só parada! (*Acende um cigarro.*) E demais a mais, este moço sobre mim a abraçar-me de calor. (*Empurra o vizinho.*)

JEREMIAS.

Não acerta? é porque não quer: a banca não ganha.

SEGUNDO ALUMNO.

Não ganha?! Se eu tivesse no meu bolso o seu prejuizo, não jogava mais hoje.

EDUARDO.

Páro nesta dama. (*Pára.*)

ALGUNS.

Oh! vamos á estréia de Eduardo! deve ganhar. (*Páram.*)

JEREMIAS.

Deve ganhar; ainda não vi principiante não ganhar a primeira parada; destes é que tenho medo.

EDUARDO.

Espere! Carrégo a dama. (*Pára.*)

SEGUNDO ALUMNO.

Oh! que bello parceiro estavamos perdendo! (*Aparte.*)
Que bom principio que leva!

JEREMIAS.

Ganhei!

ALGUNS.

Que infernal estréia!

TERCEIRO ALUMNO.

Mil raios te partam! Inda além de tudo vem este *cafife* fazer-me perder cincoenta mil réis na tal dama! Estou como pedi a Deus; pércio mais de duzentos mil réis, dinheiro que veio de S. Paulo para alimentação de minha familia este mez, e que fui buscar sem ordem de minha mãe.

JEREMIAS.

Eu cá, nada tenho com isso; a banca perde.

SEGUNDO ALUMNO.

Com trinta milhões de diabos! Pois a banca ainda perde?

JEREMIAS.

Duvida? Minha entrada foi de quatrocentos mil réis; não tenho aqui nem tresentos e cincoenta!

TERCEIRO ALUMNO.

Estou arranjado! Tenho apenas dez mil réis, que vou parar na carta em que aquelle animal parar; fez-me perder cincoenta mil réis na sua estréia, que faça perder o resto.

JEREMIAS.

Deos o ouça!

EDUARDO.

Páro ainda nesta dama!

TERCEIRO ALUMNO.

E eu faço outro tanto.

JEREMIAS.

E eu pucho o dinheiro de ambos, porque ganhei.

TERCEIRO ALUMNO.

Muito bem! (*Põe o chapéo e retira-se precipitado.*)

EDUARDO.

Perdi os cincoenta mil réis, mas quero fórra; vou até á casa, e pouco me demoro. (*Sái.*)

Scena II.

OS MESMOS MENOS OS DOUS.

JEREMIAS, *continuando a jogar.*

Nunca pensei que o tal Eduardo fosse tão bom parceiro! Elle lá foi buscar dinheiro, e o caso está em querer trazel-o; ora, o pai não é rico; mas quer parecol-o, e por isso tem bons brilhantes, muita prata, etc., etc.

SEGUNDO ALUMNO.

Mas que diabo de resolução foi a que tomou! Gósto de homens assim; porém é que se Eduardo se decidio a alistar-se em o nosso exercito á mim o devem, maganões; e quem obtem um voluntario para o exercito além do direito que tem a uma gratificação, goza um disfarce do serviço por oito dias: facilita-me essa segunda parte, Sr. professor?

JEREMIAS.

Que me importa que o senhor venha ou não venha á aula para a lição? O que quero é que traga dinheiro para jogar.

SEGUNDO ALUMNO.

Disso sei eu.

QUARTO ALUMNO.

Este joguinho já nada vale, é curador dos feridos.

JEREMIAS.

Curador não ; aqui ha muito dinheiro para se ganhar : a banca é de oitocentos mil réis.

SEGUNDO ALUMNO.

Finalmente a banca ganha alguma cousinha ?

JEREMIAS.

Sr. Carlos ! metta-se com sua vida.

SEGUNDO ALUMNO.

Peior é essa, professor ; não me provoque.

JEREMIAS.

Já não está aqui quem fallou . . . Chega Eduardo.

Scena III.

OS MESMOS E EDUARDO.

JEREMIAS, *lança uma carta sobre a mesa.*

Com a sua chegada appareceu logo uma dama ; carta de sua predilecção.

EDUARDO.

Oh ! veio a proposito, porque trago uma paradinha já feita para a primeira que apparecesse ; ella ali vai. (*Pára.*)

SEGUNDO ALUMNO.

Ninguem dirá que está dando a primeira lição.

JEREMIAS.

Que excellente parceiro ! Agora, meu Eduardo, é que você vai saber o que é viver. (*Ganha.*) Ganhei !

EDUARDO, *movimento.*

Oh !

QUARTO ALUMNO.

Com effeito ! não ha damas no baralho ?

EDUARDO.

Ganhou-me um conto de réis ! . . .

TODOS.

Um conto de réis ! ! !

JEREMIAS, *no maior auge de contentamento.*

Um conto de réis ! Com effeito ! isto é que é homem ! (*Verifica o dinheiro.*) Um conto de réis ! Mas, Eduardo, quem lhe deu tanto dinheiro ?

EDUARDO.

Ninguem ; e não se admire porque vou parar dous contos de réis contra a primeira dama que apparecer.

JEREMIAS.

Quer ? fica já esta ; está feito ?

EDUARDO.

Faça o que quizer com tanto que eu ganhe.

JEREMIAS, *aparte.*

E' justamente do que me vou agora occupar. (*Alto.*) Em tal caso eis uma dama e um monarcha, você não é monarchista ?

EDUARDO.

Pois páro dous contos no tal monarcha.

JEREMIAS, *faz jogo em pé.*

Que excellente parceiro ! (*Ganha.*) Ganhei ! Isso é que se chama infelicidade ; porém sua carta é a dama, porque não parou nella ?

TODOS.

Coitado !

JEREMIAS.

Coitado de mim, por que quando péro não tenho que comer no outro dia ; os senhores não fazem caso de dinheiro ; têm casa, comida, etc., etc. ; eu quando péro fico aqui solitario imaginando o meio de obter com que possa mandar ao açougue no outro dia. Por hoje não jôgo mais (*levanta-se*) ; estou com dôr de cabeça, e não quero offender a Deos, jogando doente como estou.

EDUARDO.

Então não continúa, Sr. professor? não continúa depois de haver eu feito um tão grande prejuizo.

JEREMIAS, *deita-se no sophá.*

Não vê que sou tolo.

EDUARDO.

Não se trata de ser tolo; mas é que o senhor póde ganhar mais.

JEREMIAS.

Sr. Eduardo, eu em jogo quero dinheiro e não quero conselhos.

EDUARDO.

Então deve estar contente não é assim? Não se persuade que me importa com o prejuizo que fiz, porque apesar de não ser pequeno, de nada vale; mas é que eu não queria jogar, e prejuizos desta ordem não podem ser occultos aos olhos de meu pai.

JEREMIAS, *tem estado assoviando.*

Que me importa com seu pai? Se quizer; que lhe tire do collegio. Faz favor de me deixar dormir?

SEGUNDO ALUMNO.

Que bello somno vais apreciar, eim, professor?

QUARTO ALUMNO

Não vens, Eduardo?

SEGUNDO ALUMNO.

Vamo-nos, porque este está arranjado. (*Sahem todos con-versando baixo entre si, menos Eduardo, que fica pensativo.*)

Scena IV.

JEREMIAS E EDUARDO.

JEREMIAS, *deitado.*

E o Sr. ainda está ahí, Sr. Eduardo? Está bem, deixe-me dormir; quando sahir feche a porta. (*Dorme.*)

EDUARDO, *pausa longa.*

Perdi o dinheiro com que ia pagar a letra de meu pai! E agora o que farei? Onde buscar aquella quantia para repôr? E meu pobre pai que tanto se sacrifica para manter-se com decencia, que ha tanto tempo me falla no pagamento de tal letra, e que com tanto sacrificio conseguiu ser exacto para assim ser sustentado na opinião que se faz a seu respeito? E agora o que farei? Estou perdido! Mas como perdido, se eu vejo o meu dinheiro? Como perdido, se elle está em poder daquelle que dorme tranquillamente? Oh! malvado, tem pena de mim, tem compaixão do desgraçado á quem roubaste; não o conduzas ao inferno. (*Pausa.*) Que idéa, meu Deus! E' horri-vel, mas inevitavel pô-la em execução, porque em menos de duas horas meu pai saberá de tudo; falta-me porém o ani-mo... além disso saber-se-ha depois; e eu que tanta con-fiança depositava em meu futuro, tantas corôas imagina-va para elle, verei evaporarem-se todas as minhas esperan-ças, matando no verdor dos meus annos a um homem para roubal-o; mas é que não tenho cabeça... é que estou perdi-do! (*pucha os cabellos*) Desgraçado! dá-me o meu dinheiro. (*Avança para Jeremias e depois recua.*) Mas não, não preciso matar para salvar-me; basta roubar. O adereço de minha mãe é de subido valor, elle está em meu poder; hypothe-cando-o, poderei saldar a letra, e tentar a sorte com o res-tante: mas quem me diz que não seja eu enganado por esse miseravel? Eu mesmo, porque a minha intelligencia me as-segura que no jogo do *monte*, onde o banqueiro deixa escolher uma carta sobre a qual se pára, não póde por nenhum meio haver a menor estrategia; está decidido: animo porque não vou praticar uma acção indigna de mim, uma vez que tenho certeza de ganhar, e depois restituir ao seu lugar o adereço de brilhantes. E tu, minha pobre mãe, (*ajoelha se*) perdôa a teu filho que vai arrastado pelo desespero do coração pro-curar meios de salvar-se; perdôa, a teu filho que ha de um dia mostrar-te a pureza do seu coração. Oh! perdôa, porque se não deve amaldiçoar ao desgraçado que emprega qualquer meio para salvar sua honra. (*Ergue-se.*) E Honorina! Oh! quando ella souber!... ella tão bella, tão extremosa que é por mim... Oh! não, ella não hade saber; porque o meio que vou em-pregar me ha de salvar da infamia, e por tanto mãos a obra. (*Sai fechando a porta.*)

Scena V.

JEREMIAS, só'.

JEREMIAS, dá um salto da cama.

E' falso... não joguei com elle... é mentira... (*Dando accor-do de si.*) Que é isto?! Que sonho é este que me atormenta?! Ora, que me importa com Eduardo, nem com o pai de Eduardo? Que leve-lhes o diabo. (*Pausa.*) Aprel que já estava sem um vintem, e o mais é que tenho de pagar amanhã um fica de quinhentos mil réis, isso quer queira, quer não queira, porque do contrario irei dar com os ossos na cadea, como da outra vez que a não ser Ataliba Menezes talvez ainda lá estivesse. Do que me livre eu! Sou feliz como o diabo! Quem diria que eu, que ainda ha pouco não tiuha um vintem, tanto que mandei hypothecar o relógio para ter com que jogar, teria no meu bolso mais de tres contos de réis? Tres contos de réis já é dinheiro. Agora posso apoderar-me das joias da viuva; por que estou certo que as venderá por trezentos mil réis, visto estar apertada para pagar os alugueis da casa, ao passo que taes joias valem mais de um conto de réis. (*Reflectindo.*) Mas parece-me que não devo dispôr de tal quantia, porque Eduardo ha de vir jogar, e é bom que lhe apresente dinheiro grosso; está dito: não farei ainda o negocio; ora, por falar em Eduardo, é preciso estudar um meio para obter todo o dinheiro que elle possa haver; e entendo que o melhor será o de deixal-o ganhar uma boa quantia, nunca maior do que a que tem perdido, porque então pôde o diabo convencel-o de que não deverá jogar mais, e ficarei com agua no bico; deixa-lo-hei portanto ganhar um conto de réis, ficará com a boca doce, e não desprezará nunca mais o jogo, o que basta para ter a minha vida ganha. Que diabo! não me pôde esquecer o tal sonho que tive! Mas que tenho eu com elle? Vamos cuidar em ganhar dinheiro, que é a unica cousa boa que se faz hoje no mundo, tanto mais quando o ganho com toda a honestidade, com tanta honestidade como o ganha qualquer negociante? porque qual o fim do negociante? Comprar barato para vender mais caro; ora, elle não engana quem lhe compra, não o sacrifica, e este não quer sacrificar a terceiro vendendo mais caro ainda? E aquelle que manda uma embarcação com um carregamento não arrisca a perder tudo, ou a ganhar trezentos por cento? Pois bem, assim como ha todas essas especies de negociações, eu ar-

risco o meu dinheiro para ganhar o dinheiro dos outros: é um commercio igual a qualquer outro, porém melhor que o regateira em carne humana, ou passar moeda falsa, por isso que pôde a policia acordar do seu interminavel somno e ir sem graça nenhuma um pobre homem desfructar os ares do *Catumbj*. Ainda me lembro das palavras de meu pai, e o bom filho deve sempre sujeitar-se ás idéias de seu pai:— « Meu filho, me dizia elle, este mundo é um todo de enganos, o esperto vive á custa do tolo. » O diabo que queira ser tolo. (*Batem.*) Quem está ahí?

CAROLINA, dentro.

Eu, Sr. Jeremias; eu que tenho a maior necessidade de fallar-lhe.

JEREMIAS.

E' a tal viuva das joias; estou como quero. (*Esfrega as mãos, e vai abrir a porta. Entra Carolina decentemente vestida, acompanhada por Honorina.*)

Scena VI.

O MESMO, CAROLINA E HONORINA.

CAROLINA.

Eu, Sr. Jeremias, a viuva daquelle que tão bom foi para o senhor, que vem mais esta vez pedir-lhe o mesmo obsequio.

JEREMIAS, *aparte*.

Que bella rapariga; com esta companhia já se pôde fazer o negocio com menos *lambugem*. (*Alto.*) Mas quem é seu marido, minha senhora? Nunca tive quem me ajudasse, por isso não sei quem seja esse a quem se refere; queira explicar-se.

CAROLINA.

Pois o senhor não conheceu meu marido?! O senhor não conheceu Ataliba Menezes?! O senhor me não conhece?!

JEREMIAS.

Ah! agora me recordo; a senhora é a viuva de um negociante que quebrou em Pernambuco? Mas parece-me, minha senhora, que elle lhe não deixou em tão má situação, porque creio que pouco devia.

CAROLINA, *aparte*.

Malvado! (*Alto*.) O meu marido, senhor, nada deve, porque o pouco que devia foi por mim pago, para o que vendi as minhas joias, restando-me apenas as que lhe trago para empenhar; visto não ter outro meio de pagar os alugueis da casa, que se venceram ha quinze dias.

JEREMIAS.

Ora, minha senhora, quem tem em sua companhia uma menina tão bonita não deve pedir esmolas.

CAROLINA, *movimento*.

Esta menina, senhor, é minha filha, e nem ella, nem eu viemos pedir esmollas, porque, quando tivéssemos de o fazer, não procuraríamos por certo ao Sr. Jeremias.

JEREMIAS.

E porque, minha senhora? Também costume fazer minhas esmolas: mas em resumo, a senhora quer hypothecar as suas joias; quer antes vendê-las? Dou-lhe já cem mil réis.

CAROLINA, *aparte*.

Que miseravel, meu Deos! (*Alto*.) Por piedade, senhor, não menoscabe assim a minha necessidade. Pois o senhor não se envergonha de offerecer-me tão miseravel somma por objectos que valem mais de dous contos de réis?

HONORINA, *aparte*.

Meu Deos! quando deixarei de ser desgraçada? (*Alto a Carolina*.) Vamos, mamã, porque do Sr. Jeremias nada se póde obter.

JEREMIAS.

Para que me offende assim, minha senhora? Pois a senhora acha que nada faço, dando-lhe cem mil réis pelas suas joias, no tempo de hoje em que o dinheiro anda tão escasso?

CAROLINA.

Deixa, minha filha, deixa vêr se o Sr. Jeremias, lembrando se dos favores que de teu pai recebeu, empresta-me quatrocentos mil réis, visto dar-lhe uma tão boa garantia.

JEREMIAS.

Minha senhora, eu não posso perder tempo em ouvir praticas moraes; se a senhora quizer tresentos e cincoenta mil réis, compro-lhe os objectos: deixe vel-os. (*Carolina entrega-lhe um embrulho que é aberto*.) Creia, minha senhora, que não valem mais. (*Aparte*) Tem mais do que da outra vez. (*Alto*.) Se quer vendel-os dou-lhe os quatrocentos mil réis. (*Entrega o embrulho a Carolina, e esta o dá a Honorina*.)

CAROLINA.

Ora, Sr. Jeremias, bem sei que nunca as poderei vir buscar, porque o senhor quererá certamente um premio extraordinario, mas sendo estas joias o unico bem que me resta, e havendo entre ellas algumas que por terem sido deixadas por meu pai, eu nunca deveria empenhar, queria ter sempre esperanza de um dia tornar a possuil-as.

JEREMIAS, *aparte*.

O que ella diz é exacto, portanto está dito, as joias serão minhas. (*Alto*.) Pois bem, minha senhora, empresto-lhe quatrocentos mil réis sobre as joias, mas ha de ser *sub conditione* de só as entregar quando a senhora me restituir oitocentos mil réis, além do premio de cinco por cento correspondente á quantia que tem de trazer, e creia que é um sacrificio que faço, mas como tenho de tirar dinheiro em um estabelecimento e por amor á sua filha far-lhe-hei este obsequio.

CARALONINA, *aparte*.

Meu Deos! que homem é este! Emfim é preciso ceder porque a honra de minha filha perigará em caso contrario. (*Alto*.) Sr. Jeremias, a proposta que me faz é semelhante a um disparate; no entretanto não posso deixar de acceita-la, visto o embaraço a que estou sujeita, e não querer demonstrar a mais ninguem as minhas circumstancias.

JEREMIAS.

O pelo que, é que pouco importa saber. Vou-lhe dar uma especie de cautella que me deverá ser apresentada no dia (*aparte*) de S. Nunca; (*alto*) no dia em que trazer o meu dinheiro com o competente premio, já se sabe. (*Vai á meza e escreve*.)

HONORINA.

Então elle vai dar o dinheiro, mamã?

CAROLINA.

Vai, minha filha.

JEREMIAS, *tendo para si a cautella.*

Dê-me as joias para lhe poder dar a cautella e o dinheiro. (*Aparte.*) Porque não sou tolo em dar-lhe o dinheiro primeiro, pois é capaz de sair gritando que a quero roubar.

HONORINA, *dando-lhe o embrulho.*

Aqui está, Sr. Jeremias.

JEREMIAS, *dando-lhe a cautella e o dinheiro.*

E aqui está, minha senhora, duas cédulas de duzentos mil réis e a cautella. Está contente?

HONORINA, *com pezar.*

Muito contente! (*Entrega a Carolina a cautela e o dinheiro; esta a lê para si, e guarda o dinheiro.*)

CAROLINA, *aparte a Honorina.*

Vamo-nos filha. (*Aparte.*) Compreendo que estou roubada, mas salve-se a honra de minha filha antes de tudo. (*Alto.*) Sr. Jeremias, estou ao seu dispor. (*Não lhe aperta a mão, e sahem as duas. Jeremias durante esta scena está desconfiado, apalpa-se muitas vezes para verificar a existencia do dinheiro, e abotoa-se quando o guarda.*)

Scena VII.

JEREMIAS só.

JEREMIAS.

Como são todos mal agradecidos! Quando entrou veio com uma choradeira que me fez compaixão; logo que apANHOU-se servida:—Sr. Jeremias, estou ao seu dispor!—Nem se quer apertou-me a mão. Venham para cá pedirem-me obsequios que, juro, não os farei a mais ninguém. (*Pausa.*) Fiz um negocio como não apparece muitas vezes!... Tenho, segundo me parece, oitocentas oitavas de bom ouro (*examinando*) por quatrocentos mil réis! Já estou desconfiando de tanta fortuna. (*Pausa.*) E Eduardo? coitado! talvez esteja arrançando dinheiro; elle ainda o tinha, tanto que queria continuar a jogar; porém fiz bem em dar com o *basta*, não só

porque podia perder o que já havia ganho, como porque aquelle dinheiro é roubado ao pai, ao depois pouco mais teria; mas fui tolo em não procurar saber a quantia que ainda tinha para ver se valia a pena, porque então pouco me importaria com o pai, por isso que si se endireitasse para mim, eu lhe diria:—Não fui eu, não sei, não vi; mas já agora o que hei de fazer? O que está feito, feito está; o que devo é procurar entrar em nova empreza, porque Honorina é realmente muito bella menina, e a mãe, que está em necessidade, ha de por força ceder. (*Batem.*) Entre quem é.

Scena VIII.

O MESMO E ANASTACIO.

ANASTACIO.

O Sr. commendador Antonio Marcos, manda saber se o Sr. Eduardo está por aqui.

JEREMIAS, *aparte.*

Mão! (*A to.*) O Sr. é da casa do Sr. commendador Antonio Marcos?

ANASTACIO.

Sim, senhor; e tendo o Sr. Eduardo sido incumbido de fazer o pagamento de uma letra de meu amo, para o que recebeu oito contos de réis, e não havendo ainda dado cumprimento ao seu dever, por isso que o dono da letra foi em casa procurar tal pagamento; fui encarregado de encontral-o, e como tem de fazer exame qualquer dia, supuz ser este o lugar mais proprio para achal-o.

JEREMIAS, *aparte.*

Não ha tempo a perder; foram oito contos!... Mas que lhe devo eu dizer? (*Alto*) Sim, meu amigo; elle tem estado muito entretido com os estudos, no entretanto ainda hoje não appareceu por cá.

ANASTACIO.

Eu não sei a que possa attribuir o procedimento do Sr. Eduardo; todos em casa estão afflictos, e a ama já teve um ataque que durou meia hora.

JEREMIAS.

Coitado! Talvez tivesse perdido do bolso.

ANASTACIO.

Vou ainda procurá-lo, e se elle apparecer por cá, faça-lhe saber o que se tem passado.

JEREMIAS.

Logo que appareça lhe farei vêr tudo.

ANASTACIO.

Pois bem, senhor. (*Aparte.*) E os brilhantes que tomou para mandar concertar! (*Sai.*)

Scena IX.

JEREMIAS, só.

JEREMIAS.

Vá descansado por que não darei tempo a que me venha elle procurar: vou neste instante encontrá-lo (*veste o paletot*), porque não devo perder tempo. Oito contos de réis foi a somma; tres contos perdeu para mim, terá dissipado um conto de réis inutilmente; isto é, comprado gravatinhas, etc., etc., e portanto ainda lhe devem restar quatro contos de réis, e eu não posso consentir que esse dinheiro seja *comido* por outro que não eu. Meu pai sempre me dizia: — Meu filho, todos no mundo são expertos, mas é que sempre ha um mais experto do que outro; quem primeiro anda, primeiro manja. (*Sai precipitado.*)

Scena X.

CAETANO, ENTRANDO PELO F.

CAETANO.

Onde iria o tal mariola? Passou por mim como uma bala; nem se quer comprimou-me. Eu se fosse em busca do lucro de um conto de réis, não iria tão apressado. O diabo do homem apenas disse-me: Espere que já volto, não posso perder tempo; e nem se quer lhe pude lembrar que amanhã é o dia do vencimento do tal fica; pois meu amigo elle está bem claro, e amanhã ou cadêa ou dinheiro. (*Chega a janella.*)

Scena XI.

OMESMO E EDUARDO QUE ENTRA PRECIPITADAMENTE SEM VER CAETANO.

EDUARDO.

Perdi ainda... perdi tudo... hypothequei o adereço de minha mãe, e... perdi... E se ha um Deus que é poderoso, que é omnipotente porque me não salva? porque não arranca minha alma ao inferno?

CAETANO, *sahindo da janella por ouvir a voz de Eduardo.*

Que é isto Eduardo?

EDUARDO.

Ah! meu padrinho, eu estava desesperado, porque apaguei-me á ultima taboa de salvação, lembrei-me de recorrer a Vm., e indo a sua casa não o encontrei. Oh! como sou feliz em achá-lo aqui. (*A parte*) Mas como principiar? (*Alto*) Misericordia meu Deus! Misericordia para mim.

CAETANO, *aparte.*

O rapaz está doudo. (*Alto*) Dize, Eduardo, o que te succedeu, para vêr se se pôde remediar o mal.

EDUARDO.

Remediar, não, senhor, vós, sómente vós, podeis salvar-me, mas para isso é necessario collocar-de vos por um momento no lugar de um homem inteiramente desgraçado; não profiraes porém a sentença que sobre mim tenha de recahir, antes de vos lembrardes que sou vosso afilhado. antes de vos lembrardes que sou aquelle a quem perante Deus juraste amparar com vossa protecção, antes de vos lembrardes, finalmente, que me offereço para servir-vos como escravo toda a minha vida em troca do beneficio que me ides prestar. Quereis saber o que me succedeu? (*Balbuciendo*) Eu roubei, roubei, mas silencio, roubei, e não sou um ladrão, roubei porque o demônio do crime ergueu-se satânico do antro do inferno para bradar-me: rouba!... roubei a meu pai, a meu pobre pai que a esta hora está desgraçado.

CAETANO, *aparte.*

O rapaz parece-me que tirou do pai algum dinheiro, e pelo modo de fallar está arrependido; vou portanto praticar uma dessas acções que não se fazem sempre. (*Alto.*) Meu afilhado, de scance porque tudo se hade arranjar.

EDUARDO.

Eu não sei, senhor, que celeste inspiração me conduzio á recorrer á vossa benignidade. Diga-me: Já alguma vez lhe pedi um real? E acreditará tambem que não tenho necessidades? Supperá que meu pai é rico como se diz? Bem sabe o contrario, e portanto sou sujeito a necessidades, mas é que é para mim um martyrio horrivel. o abaixar-me ao ponto de pedir; pedir, senhor, o que é pedir? Sugeitar minha vontade que é livre á vontade de outro homem. Oh! é horrivel senhor. Pois bem, não é um simples obsequio que lhe peço; é uma dessas acções que se praticavam n'outro tempo, é uma esmola que lhe heide pagar ainda que com o sacrificio de minha vida. com o sacrificio de minha vida, por que antes a morte que a deshonra. Mas como pagar-lhe? Loucura! (*Ajoelha-se*). Uma esmolla senhor uma esmolla para o pobre que se lança a seus pés. O que mais se póde exigir de um homem?

CAETANO, *erguendo-o.*

Ergue-te meu filho, por que como te disse eu te salvarei. (*Faz menção de tirar a carteira.*)

EDUARDO.

É por amor de Honorina que é um anjo, he por amor de minha mãe, que é uma santa, e assim ninguem saberá que me ajoelhei á seus pés, não é verdade? ninguem saberá por seus labios que sou um ladrão; e vós meu padrinho, vós que sois rico como ninguem, não vos arrependereis da acção que ides praticar.

CAETANO, *tirando a carteira.*

Mas é preciso não perderes tempo em justificar-te em presença de teu Pai. He de 5, é de 10\$ mil rs. que precisas?

EDUARDO, *como querendo enloquecer.*

Cinco, 10\$ mil rs. senhor! .. Não é por 5\$ mil rs., que se ajoelha um homem, não é por 10\$ mil rs. que se sugeita a servir

como escravo toda a sua vida, ou só é por taes quantias quando por ellas se póde salvar um pae, uma mãe, uma mulher a quem se ama com amor do Céu. (*Com força.*) Trata-se de 16:000\$000 de rs.

CAETANO, *fica preplexo, faz menção de buscar o chapéo, aparte.*

O meu chapéo? (*Alto*) 16:000\$. de rs?!! Estarás sonhando, meu filho? pois queres que te dê 16:000\$, de rs? (*Aparte.*) E esta?

EDUARDO.

Não quero que me deis tal quantia, quiz que m'a empresseis em quanto me esqueci de que vos chamavas Caetano da Silva, agora já nada quero, quero salvar-me, quero salvar a honra de meu pai, ainda que com a ultima gotta de meu sangue. (*Estremece.*) Sangue! Sangue! Horror! (*Pausa. pucha os cabellos*) Porém não, senhor, perdoai, perdoai o desgraçado que tem perdido a razão; salvai o filho do vosso compadre, do vosso amigo, salvai porque não vos arrependereis nunca de beneficiar, salvai porque contareis com a minha vida para subtrahir-vos ao mais leve pezar. (*Ajoelha-se.*)

CAETANO, *erguendo-o, e beijando-o.*

Meu filho o que queres que faça? Como dar-te 16:000\$ de réis?

EDUARDO, *aparte.*

Louco que sou. (*Alto*) pois bem; eu não preciso o teu dinheiro; guarda-o, aferrolha-o em teus miseraveis cofres, porque um dia te arrepende-rás, e para vingar-me do teu escarneo, vou fazer-te tambem author de minha desgraça, dando-te o resto do dinheiro que ainda tenho, e que de nada me servirá. (*Tira um embrulho.*) Toma desgraçado, mata a tua fome, eu não posso ver ninguem morrer á fome; junta ao teu enorme capital, mais 3:000\$ de rs. banhados em lagrimas da desgraça como é to ta tua fortuna. Eu te faço doação d'elles. (*Arremessa o embrulho.*)

CAETANO, *apanha-o e guarda-o.*

Eduardo, toma o teu dinheiro; como queres que se dê quazi uma fortuna? Crês que possa dispôr de tal quantia? (*Aparte.*) N'estas occasiões é que se deve aproveitar; o diabo do rapaz

perdeu a cabeça; se me pudesse escapular. (*Olha para os lados.*)

EDUARDO.

Não pôde dispôr! O mais importante negociante da praça não pôde dispôr de dezesseis contos de reis para salvar a honra de um homem, para arrancar ás garras da miseria a uma familia inteira? pois bem accede o que lhe posso eu offerecer, e não me torture mais com o aspecto de sua presença. (*Chora.*) Porém não, meu padrinho; perdão; perdão para mim.

CAETANO, *aparte.*

Esta não é má. (*Alto.*) Pois bem meu afilhado eu te perdorei, e uma vez que o teu desespero é tal que te conduz a esquecer o respeito que me deves, vou ao escriptorio e talvez talvez te possa ser util, mas bastam treze contos, porque como dizes ainda tens tres. Eu já volto, eim. (*Passa-lhe a mão sobre a cabeça.*) O dito dito: (*Vai buscar o chapéo. Eduardo que durante este tempo está pensativo, no momento em que Caetano vai a sahir avança para elle, agarrá-o com vigor na gola da casaca trazendo-o para a boca da scena.*)

EDUARDO, *agarrando-o.*

Dá-me dinheiro, dá-me dezesseis contos de reis, porque tu és rico e não serás prejudicado com esta acção que será por Deus recompensada. Ainda exitas?! Não m'os queres dar?

CAETANO, *agarrado.*

Que Diabo é isso? Não tem uma explicação um tal proceder? (*Tira o dinheiro que apanhára e uremessa-o no chão. Eduardo não vê.*)

EDUARDO, *agarrando-o sempre.*

Queres uma explicação? uma explicação? E que sou um salteador que pede a ti, que és um miseravel viajante a bolsa ou a vida! (*Tira um punhal faz menção de assassinar Caetano, mas no momento de descarregar-lhe o golpe dá um grito, deixa cahir o punhal, deixando escapar o padrinho, fica estatico por alguns momentos, até que avança para boca da scena.*) E é assim, meu Deus, que devo viver? O que se pôde esperar de um homem que na idade das loucuras é com tanto encarniçamento perseguido pela mão da fatalidade? (*Leva as mãos á cabeça.*) E nem uma esperança me resta, nem uma esperança além do suicidio, nem mesmo esta me é concedida porque falta-me o raciocinio para comprehender a força d'este passo.

Scena XII.

O MESMO, CAROLINA E HONORINA.

CAROLINA.

Eduardo!...

HONORINA.

Elle!

EDUARDO, *dissimulando.*

Minhas primas! A quem procuram?

CAROLINA.

Naturalmente ao Sr. Jeremias; elle não está?

EDUARDO, *perturbado.*

Elle não está, porém não deve tardar. Sinto-me muito doente e por isso não posso demorar-me por mais tempo, afim de conversar com as primas, no entretanto volto já, não me demoro nem 10 minutos.

HONORINA, *a Eduardo.*

Mas o que tem Vm., meu primo? A mamã veio aqui para vêr se o Sr. Jeremias, entrega um annel que me pertence, e que por engano veio com o ouro que cá deixou.

EDUARDO.

Ah! a mamã deixou aqui ouro? E agora vem buscal-o? Está bem eu já volto. (*Sae.*)

CAROLINA.

O que terá esse rapaz? O modo por que falla não é natural: diz que está doente, mas não sei que doença terá que assegura voltar em breve.

Scena XIII.

AS MESMAS E JEREMIAS, QUE ENTRA APRESSADO.

JEREMIAS, *sem as vêr.*

Não o pude encontrar, mas é o mesmo, elle hade cahir.

(*Vendo-ás, aparte.*) O; lá! teremos mais ouro para hypotecar? (*Alto.*) O que ha minha senhora?

CAROLINA.

Tendo vindo entre as demais peças que lhe empenhei, um anel que pertence á minha filha, e que lhe foi deixado por morte de seu pai, venho pedir-lhe a bondade de o entregar, visto não ter elle o menor valor intrinseco.

JEREMIAS.

Ora, minha senhora; se quer possuir o seu anel, venha o valôr d'elle que é duzentos mil rs. isto é, eu ainda não o vi, porém por menos d'isso não o poderei dar. (*Dá com o pé no dinheiro arremessado por Caetano, apanha-o abre occultamente; não cabe em si de contentamento, aparte.*) He dinheiro, e dinheiro grosso, a quem pertencerá? pois ainda ha quem perca dinheiro n'este tempo? (*Guarda-o.*)

CAROLINA.

Com que, não entrega o anel de minha filha?

JEREMIAS.

Não posso, minha senhora; bem vê que se eu pudesse não deixaria de servil-a.

CAROLINA, *aparte a Honorina.*

Vês minha filha, a que ponto chega a miseria deste monstro?

JEREMIAS.

Agora se a senhora quizer uma proposta?

CAROLINA.

Posto que muito receie me não seja ella favoravel, com tudo, nada se perde em ouvil-a. Quererá talvez trocar o anel pela cautella, não é assim?

JEREMIAS, *com indifferença.*

Se quizer, estou prompto a fazer esta troca, apesar de nada lucrar com ella, porque estar aquelle papel em sua mão ou não, é uma e a mesma coiza, porque a senhora nunca o poderá apresentar de sorte que lhe seja util, por isso que, como sabe, dinheiro ganha dinheiro; mas não é relativamente á

cautella que lhe quero fallar: trata-se da senhora lembrar-se do tempo em que passou na abundancia, trata-se da senhora querer entrar n'esta mesma abundancia; por exemplo a senhora tem uma filha...

CAROLINA, *com gravidade.*

Oh! senhor!

HONORINA, *para Carolina.*

Vamo-nos, mamã; deixemos o Sr. Jeremias para nunca mais vel-o; meu pai que está no Ceo sabe o que por cá (*leva as mãos ao peito*) se passa, e por tanto que eu não seria capaz de voluntariamente dispôr de sua davida, ainda que morrendo a mingoa, elle nos perdoará.

JEREMIAS.

Mas, minha senhora, eu sou solteiro e ainda que não fosse, o amor não tem estado, o amor, minha senhora, é um sentimento...

CAROLINA, *com altivez.*

Eu comprarei, senhor o anel de minha filha, ainda que pelo preço pedido; queira ir buscal-o.

JEREMIAS.

Eis o que é inteiramente impossivel fazer sem a sua definitiva resposta, e é melhor a senhora ceder porque eu trata-la-hei com todo o zelo.

HONORINA.

Mizericordia meu Deus. (*Aparte.*) Ah! Eduardo!

CAROLINA,

Não lhe dou, senhor, a resposta conveniente á sua estúpida audacia, porque comprehendo ser ella partida de um idiota, e assim nada me resta se não ausentar-me, arremessando ao mais abominavel desprezo a sua disparatada proposta.

JEREMIAS.

Mas, minha senhora, póde ser que ella queira, e a senhora uão deve sacrificar sua filha no ponto mais melindroso de sua vida. (*Ouvem-se assovios fora.*) Mas que diabo quererá dizer esta revolução em minha porta?

Scena XIV.

Os MESMOS e EDUARDO, COMPLETAMENTE EMBRIAGADO.

EDUARDO, *cambaleando.*

Então que diabo é isto ?

HONORINA e CAROLINA, *com espanto.*

Eduardo !

EDUARDO.

Estou muito melhor ; agora é que vou pedir desesseis contos de reis... cinco mil reis! (*Gargalhada.*) Honorina! Honorina! Minha mãe! Alfredo! Eu ainda tinha dinheiro, roubaram-me, estou roubado! (*Cae sem sentidos no sophá.*)

CAROLINA, *corre a elle.*

O que terá succedido, meu Deus?!...

HONORINA.

Como explicar isso. (*Encosta-se no sophá.*)

JEREMIAS, *aparte.*

E os quatro contos de reis perdidos! (*Alto.*) He consequencia de haver perdido a quantia que recebeu do pai para pagar uma letra. (*Aparte.*) Creio que o dinheiro que achei pertence a este animal ; o diabo é que tal negocio não póde ficar assim ; eu não faria mal em ausentar-me : o que vale é que tudo queé meu está comigo. (*Apalpa-se para verificar. Ouve-se ruido fóra, tinir de espada, etc., etc.*)

CAROLINA.

O que será isto ?!

JEREMIAS, *tremendo.*

Minha senhora, não se ausente, não se ausente pelo amor de Deus ; eu vou buscar todos os anneis que existirem em meu poder, não se ausente porque sou em extremo nervoso, e posto que, quem não deve não teme, com tudo...

Scena XV.

Os MESMOS, ANTONIO MARCOS, ALFREDO, ANASTACIO, UM SARGENTO DE POLICIA, SOLDADOS, ETC., ETC.

SARGENTO.

Quem é aqui o Sr. Jeremias ?

TODOS.

Eil-o. (*Apontam-o.*)

JEREMIAS, *aproximando-se á janella.*

Elle está presente, mas vai ausentar-se, expõe a sua vida porém leva o seu dinheiro. (*Salta a janella.*)

SARGENTO, *chegando á janella, para os soldados.*
Camaradas, persigam-no. (*Sae com os soldados.*)

CAROLINA.

Mas o que quer tudo isso dizer ?

ANTONIO.

E' a minha honra perdida, e a miseria que ganho.

CAROLINA.

Perdida ! Como perdida ?

ANTONIO.

Porque meu filho, o filho de Antonio Marcos, é um ladrão !

HONORINA.

Oh ! (*Cae no sophá.*)

CAROLINA.

Minha filha (*Corre a ella.*)

ALFREDO.

Meu irmão, eu te vingarei !

(*Cae o panno.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

O theatro representa a casa de Antonio Marcos, porta a entrada no fundo, meza, cadeira; tudo indica pobreza. Ao levantar do panno Antonio Marcos está sentado, Joanna ao seu lado.

Scena I.

ANTONIO E JOANNA.

ANTONIO.

Eu bem dizia minha mulher que aquelle homem nos seria fatal! Ingrato! em que posição horrivel nos collocou e sem esperança de poder um dia erguer-nos da miseria. E como não fazer-lhe sentir o erro que commetteu? Querias que o deixasse proseguir no trilho que com tanta pericia encetou? Não havia remedio, senhora, forcozo era faze-lo assentar praça e ausenta-lo d'aquí. Perdido! Desgraçado para sempre! E o que hade fazer um pobre pai que se vê forçado a castigar seu filho com tanta barbaridade? (*Pauza.*) Porém, minha mulher, dize-me: nosso filho, nos sepultou na miseria, reduzio-nos quasi á mendicidade, mas elle não é um ladrão, elle não é um ladrão, porque o filho de Antonio Marcos não póde ser um ladrão!

JOANNA.

O nosso filho, Antonio, não é um ladrão; devemos attender que é uma criança, e que perseguido por aquelle monstro principiou a jogar com tenção de ganhar; quem sabe o que faria com o lucro que tivesse? A fatalidade perseguio-o e elle arrastado pelo desespero apoderou-se das joias de casa. Não te crimino pelo facto de o haveres feito seguir para o exercito, o que porém não approvei é que o mandasseis *incontiente*, sem mais ouvi-lo, porque para tudo ha justificação. Meu pobre filho! Como sou desgraçada!

ANTONIO.

Deixa, deixa que soffra o que nós soffremos, porque não quero que o mundo um dia, não quero que elle mesmo, amaldiçoè seus pais.

JOANNA.

Pobre filho ! como era extremoso, como era dedicado, e agora estar sugeito á amargurada vida de um soldado ; elle que tanta confiança depositava em seu futuro. Quantas vezes me dizia : Mamãzinha, em cinco annos estarei formado, e Vm. ha de ter inveja de mim, porque me casarei com Honorina; serei muito rico e minha mãi hade ser muito feliz.

ANTONIO, *mostrando o aspecto da casa.*

Eis, minha Joanna, a felicidade o que nos preparou; porque bem sabes o nosso estado d'outr'ora, bem sabes que a minha fortuna era o meu credito, o qual perdido nem uma esperança me resta. Nenhum apreço daria ao dinheiro, nenhum apreço daria aos brilhantes se o meu credito não fosse alterado; nenhum apreço mesmo daria ao meu credito se tudo isso podesse salvar meu filho, porque enfim todo pai deve sacrificar sua vida inteira para salvar seu filho; mas é horrivel, é horrivel, Joanna, um homem contar os minutos de todas as horas, as horas de todos os dias, pensando no meio de manter seu credito, sua honra, unico bem que póde legar a seus filhos... e elles em um momento arrancar-lhe tudo.

JOANNA.

E o que se hade fazer agora, Antonio? Tem paciencia, Deus nunca desampara seus filhos; o que nos cumpre é procurar um meio de salva-lo para que de todo se não perca; bem debes saber que elle não póde proceder como lhe aconselhará seu coração, porque sem o menor recurso ninguem póde viver, e o homem desesperado tenta tudo, Antonio.

ANTONIO.

E' verdade; mas que remedio poderei dar, minha mulher, baldo de meios como me acho o que hei de fazer? Sabes que estou endividado, e bem debes conhecer o meu coração, e por tanto, saber que não é por minha vontade, que meu filho está sujeito ás torturas da miseria, com quanto elle bem mereça um tal castigo. Que triste condição é a de um pai que é desgraçado!

JOANNA.

O castigo, Antonio, applica-se de maneira que seja temido, teme-se até não causar desesperação, porque como te

disse, o homem desesperado de nada se arreceia. Porque não havemos de recorrer ao Sr. Caetano que tantos offerecimentos nos tem feito?

ANTONIO.

Caetano é nosso compadre, é o padrinho de Eduardo, mas tu não o conheces, e por isso m'o apontas; eu o conheço ha muito tempo, e conheço bem de perto o seu character: é prodigo em seus offerecimentos, mas quando se trata de pol-os em execução, recúa; vê se já nos veio vizilar depois da desgraça que nos succedeu? Além disso, eu já lhe sou devedor de não pequena quantia, e apesar de estar elle sciente de nossas criticas circumstancias, verás que exigirá o pagamento das letras que existem em seu poder; e agora me recordo que depois de amanhã se deve vencer uma; ainda mais esse tormento!

JOANNA.

Tem resignação, Antonio.

ANTONIO.

Resignação! Resignação é para aquelle que ainda que de longe, de muito longe diviza uma esperança; porém eu a quem nada resta, eu para quem a esperança é negra como o futuro de minha familia, eu que vejo meu filho que era a unica em que me alimentava, prestes...

JOANNA.

Jesus!

ANTONIO.

E este outro que por falta de meios deixou de concluir os seus estudos, e que ficando em perfeita ociosidade ha de por força seguir o mesmo caminho.

JOANNA.

Provavelmente não succederá assim, porque com quanto seja altivo e arrogante procurarei meios de guial-o no caminho da virtude.

ANTONIO.

E' verdade, este é tambem louco, mas não é ladrão.

JOANNA.

Para que há de fallar assim, meu Antonio? Deixa que

ainda tenho esperança de passar muito tempo junto de ti e de meus filhos, e creê que só devemos amaldiçoar aquelle monstro que já me parece absolvido.

ANTONIO.

Elle não está absolvido ; e se o mundo foi negligente a ponto de o deixar transitar incolume, elle não poderá subtrahir-se á justiça de Deus que nos observa. Eis que vem Alfredo.

Scena II.

OS MESMOS E ALFREDO.

ALFREDO, *com semblante carregado.*

Bom dia, meu pai ; bom dia, minha mãe. (*Beija-lhes as mãos.*)

ANTONIO.

Vem cá, meu filho, senta-te junto a teu pai que vai mais esta vez fazer-te sentir o nosso estado, para que por elle possas guiar teus passos. Já não és creança, e podes por tanto sem difficuldade entrar no conhecimento da verdade do quanto te vou expôr. Principiarei, meu filho, por fazer-te sentir que esse teu procedimento não é regular ; essas tuas amizades, esses teus passeios te não podem ser proveitosos ; deves regular a tua vida pelas tuas circumstancias, para que um dia não venhas a incorrer em faltas que só o crime e a des-honra possam remediar.

ALFREDO, *aparte.*

Que significa isso ?

ANTONIO.

Esse teu modo arrebatado, essa maneira de tratar a todos com altivez nenhum proveito te dá além do aborrecimento geral.

JOANNA.

Deixa-o, Antonio, por que elle ha de mudar de vida, não é assim, Alfredo ?

ALFREDO, *aparte.*

Mudar de vida ? (*Alto.*) Perdão, minha mãe ; porém em

minha vida eu não encontro um só acto que mereça tão crespa censura.

ANTONIO.

E' o que faltava ! é o que faltava, era vêr-te praticar actos pelos quaes fosses digno de censura ; não é disso que se trata : as cadêas, os patibulos estão cobertos de homens que não nasceram para tal fim, mas que por falta de conselhos principiam como tu : os passeios, as mulheres, as orgias ligam-se a necessidades que devem ser satisfeitas ; essas necessidades não podem ser olhadas por ti com indifferença, porque não podes satisfaze-las ; e um máo passo dado conduz o homem ao abysmo.

ALFREDO.

Porém, permitta-me, meu pai, que lhe pondere que não estou no caso de uma creança, e que se uma vez passeio, é tãgido por uma necessidade.

ANTONIO.

Teu irmão estava no mesmo caso que tu, porém em um momento enterrou dezesseis contos de réis, enterrando assim o credito e a honra de teu pobre pai.

JOANNA.

Mas Eduardo é uma creança a quem aquelle monstro seduziu, ao passo que Alfredo já não está no mesmo caso.

ALFREDO, *aparte.*

Como é horrivel tudo isso ! (*Alto.*) Minha mãe, Jeremias hade ser castigado como merece.

ANTONIO.

Eis justamente o que digo ; como queres castigar Jeremias ? Não vês que empreguei todos os meios para perseguir-lo ? Ignoras qual o resultado que obtive ? Não sabes que a policia declarou nada se poder fazer por falta de provas ? Queres talvez provocal-o ? Pensas que te poderei livrar a um processo ?

ALFREDO, *contrariado.*

Está bom, meu pai, perdoe-me.

ANTONIO.

Eu te perdoarei, mas segue sempre os conselhos de teu pai, que é o unico meio de conseguires a felicidade que tanto te desejo.

JOANNA.

E que fim teria o tal monstro ?

ANTONIO.

Eu sei... anda por ali occulto.

CAETANO, dentro.

Permittem-me licença ?

JOANNA.

Oh ! é a voz de meu compadre !

ANTONIO.

E' Caetano que vem lembrar-me que depois d'amanhã se vence a minha letra. (*Alfredo vai abrir a porta e sai.*)

Scena III.

Os MESMOS E CAETANO.

ANTONIO.

Que novidade é esta, o meu compadre por aqui ?...

CAETANO.

E' verdade ; tendo ido á casa do desembargador Pereira não quiz passar sem ter o prazer de vel-os. Como está, minha comadre ?

JOANNA.

Eu, como sempre... afflicta ; ha muito tempo que ando assim.

CAETANO.

Todos andão assim, minha senhora ; eu tambem ainda estou adoentado ; além disso faltas de dinheiro...

ANTONIO.

Pouco mais ou menos advinho o motivo de sua vizita : no tempo de hoje o homem por mais probo que seja lucha com muita difficuldade quando tem de dar cumprimento a seus tratos.

CAETANO, *aparte.*

Peior é essa ! (*Alto.*) E' verdade, o dinheiro anda tão escasso, de sorte que mesmo um negociante da maior importancia vê-se muitas vezes forçado a incommodar devedores de quem, por considerações nunca se deveria lembrar ; agora mesmo venho da casa do Pereira, onde fui afim de vêr se me pagava uma letra de duzentos mil réis, que se vence depois d'amanhã ; mas qual ! nada pôde arranjar pois elle não costuma pagar letras antes do dia do vencimento sem o competente desconto, o que não convêm.

ANTONIO.

Depois d'amanhã se vence a minha letra, que tambem é de duzentos mil réis !...

CAETANO.

Ora, por quem é, não me falle n'isso. (*Aparte.*) Que conversa ! (*Alto.*) Então, minha comadre, tem recebido noticias do meu afilhado ?

JOANNA.

Infelizmente não, compadre ; elle deve estar arrependido do passo que deu. Meu pobre filho !

CAETANO.

Sim, arrependido deve estar elle, mas é que o rapaz perdeu a cabeça, porque indo eu ha pouco mais ou menos seis mezes á casa do tal Jeremias, para ser indemnizado da quantia de 500 mil réis, lá o encontrei ; creio que até estava espiritualizado (*mão á boca*), porque pediu-me que por esmola lhe dêsse dezesseis contos de réis ; ora, posto que tal quantia não seja tão pequena que a podesse dar assim sem mais nem menos a um rapaz, compadeci-me do seu estado, e acreditei que só uma circumstancia extraordinaria o forçava a fazer-me um tão importante pedido ; além disso era-me indifferente dar-lhe o que lhe toca, n'aquelle momento, ou depois da minha morte ; ia portanto prestar-lhe um beneficio, mas bem se vê que nenhum homem anda sempre munido de tal quantia, mas para um caso extrardinario sempre se acha a quem pedir emprestado ; assim disposto disse-lhe :—Meu afilhado, vou ao escriptorio e de lá te enviarei o que me pedes, porque o filho de Antonio Marcos, o afilhado de Caetano da Silva não pede esmolas pelo menos em quanto existir o seu padrinho.

JOANNA.

Eu conheço a bondade de seu coração, meu compadre.

CAETANO.

Mas calcule o meu estado, quando senti agarrar-se-me pela gola da casaca dizendo: « dá-me dinheiro! dá-me dinheiro! » calcule o que não sentiria quando pedindo-lhe uma explicação do seu proceder, elle arranca um punhal...

JOANNA.

Meu filho!

CAETANO.

Dizendo: « sou um salteador que te pede a bolsa ou a vida! » tomei-lhe o punhal e sahi para dar-lhe parte do occorrido, porém em tal momento senti-me doente, por cujo motivo fui para a fazenda onde tenho estado até agora, e se não fosse o mesmo Jeremias talvez ainda ignorasse a circumstancia de sua viagem. Coitado! era um bom menino.

JOANNA.

Elle era menino dotado de excellentes qualidades, porém o tal Sr. Jeremias o precipitou.

ANTONIO.

E este outro que ha de por força seguir os mesmos passos, porque faltando-me meios para mandar concluir os seus estudos, elle ahí está em perfeita ociosidade.

CAETANO.

Ora, compadre... Não queira que me enfade com vossê; pois custava-lhe muito o recorrer ao seu compadre? Para esses casos é que se deve contar com os amigos. Ora, dizer-me que deixou de mandar um filho concluir os seus estudos por falta de meios; e sendo elle, segundo me parece, um rapaz intelligente. (*Aparte.*) Com elles só quero negocios quando herdado e são extravagantes.

JOANNA.

Muito intelligente é elle, só tem o defeito de ser altivo.

CAETANO.

Isso é da idade, minha comadre, são influencias da mocida-

de... mas creio que são horas de encontrar-me com *alguem* que me espera, e portanto desculpem-me se me não demoro por mais tempo; no entretanto, meu compadre não deixe de mandar um filho concluir os seus estudos por falta de meios, pelo menos emquanto viver o seu velho amigo. (*Aparte.*) Diabo! perdi o encontro da viuva; porém desta feita não ha de ter joias para hypothecar, e este mariola ou paga-me ou metto-o na cadêa. (*Alto.*) Adeus, compadre; minha comadre, descanse porque agora hei de apparecer mais a miudo para tratarmos do negocio do meu afilhado. (*Sae.*)

Scena IV.

ANTONIO, JOANNA, DEPOIS ANASTACIO.

JOANNA.

Vês, Antonio, os offercimentos que nos fez, e a esperança que nos assegura?

ANTONIO.

Eu vejo, mas tu te alimentas em tal esperança, porque como disse, não o conheces; não creias, Joanna, que dalli possa partir mais que interesse, e se a unica esperança que tivermos fôr fundada em Caetano, o nosso filho vivirá como até agora.

ANASTACIO, *entrando pela esquerda*

O almoço está prompto, senhor.

ANTONIO.

Vamos almoçar, e praza ao céo, que possa muitas vezes pronunciar iguaes palavras.

JOANNA, *para Anastacio.*

Alfredo não vem almoçar?

ANASTACIO.

O Sr. Alfredo já almoçou.

ANTONIO.

Vamos, vamos almoçar. (*Saem os dous pela esquerda.*)

Scena V.

ANASTACIO, só.

ANASTACIO.

A que estado se acha reduzida essa pobre familia ! Quem viu o Sr. Antonio Marcos e quem o vê hoje ! o certo é que toda essa fidalguia que lhe lambia os pratos, desertou. E o que viria cá fazer o Sr. Caetano ? Essa vizita espremida dá em uzo;a ; seja como fór, o que é certo é que meu amo não póde durar muito tempo, porque tem sido muito acabrunhado pela sorte ! E como ficará essa pobre gente ?... E' verdade que fica o Sr. Alfredo... Ora, que sempre que fallo nesse moço sinto um não sei que... está sempre a rir, a cassuar, ora, de minha cabeça, ora de meu chapéo... o menino Eduardo não era assim, respeitava-me; e onde estará elle agora, coitado ! tem sido bem castigado... E' verdade que foi quem enterrou de todo o amo ; porque antes do pagamento daquella fatal letra, elle tinha muito credito e muita esperanza de tornar á posição de outr'ora... (*Observando.*) Mas, ahí vem o Sr. Alfredo, e se me podesse safar, não faria nenhuma asneira...

Scena VI.

O MESMO E ALFREDO.

ALFREDO, *grave sem ver Anastacio.*

E' justamente o que penso... foram almoçar, e nem se quer se lembraram de mim.

ANASTACIO.

Está enganado, Sr. Alfredo : se os amos não o mandaram chamar, foi porque disse-lhes que V. S. já havia almoçado.

ALFREDO, *revestindo-se de um ar mofador.*

E és tu que me respondes ? E agora reparo que cortaste o cabelo sem me annunciarees.

ANASTACIO.

Peior é V. S. principiar com suas caçoadas ; eu não sou menino.

ALFREDO.

Menino querias tu ser ; não me dás novidade alguma an-

nunciando-me não seres menino, porque sei que não passas de um velho. (*Battem.*) Mas quem diabo será ?

ANASTACIO.

Vou abrir a porta. (*Abre.*) E' o Sr. Aurelio. (*Aparte.*) Desta estou livre. (*Sae.*)

Scena VII.

ALFREDO E AURELIO.

ALFREDO.

Bons olhos te vejam, Aurelio ! Ha bastante tempo me não concedes este prazer.

AURELIO.

E' verdade : ha bastante tempo que não tenho podido procurar-te, ese o faço agora é com o fim de convidar-te para um jantar que offereço amanhã na hospedaria da Tijuca a duas bellas raparigas.

ALFREDO.

Mas onde foste desencaivar essas raparigas a quem já offereces jantares ?

AURELIO.

Eu te digo : hontem fui á Tijuca a negocio de meu pai ; na occasião em que passava nesta hospedaria partiu-se a lança do carro, e para não esperar na rua que se remediasse aquelle incidente resolvi entrar nella, cujo proprietario, depois de indagar de toda a minha vida apresentou-me a duas excellentes meninas; eu, como era natural, fiz-lhes os meus offerecimentos, ellas foram tão amaveis e me inspiraram tanto interesse que forçaram-me a dar o passo de que te admiras ; e não encontrando o menor prazer em divertimentos a que não presidas vim expressamente convidar-te !

ALFREDO.

Ora, isso é uma bondade filha de tua extrema delicadeza, mas cre que não posso acceitar o teu convite.

AURELIO.

E porque ?!

ALFREDO.

Porque . . . nem mesmo te sei dizer.

AURELIO.

Pois declaro-te formalmente que se te subtrahes ao meu convite, cortamos as nossas relações por muito tempo. Sempre te conheci assim, quando te convidado para qualquer pagode, procuras esquivares-te a elle : mas quando lá estás, és semelhante a um demonio. Está decidido : amanhã has de jantar comigo por força, vamos porque o dono do hotel pretende fazer uma extraordinaria banca de monte. Amanhã ás onze horas virei buscar-te.

ALFREDO, *aparte*.

Que martyrio ! (*Alto.*) Está bem ; não precisa vires me buscar, porque se tiver de ir, lá me apresentarei.

AURELIO.

Se tiveres de ir, não, porque não sahirei daqui sem tua promessa.

ALFREDO, *aparte*.

Como ha de ser isso, meu Deus ! (*Olha seu vestuario que não é novo. Alto.*) Porém se eu estiver doente ?

AURELIO.

Qual doente ? Pois tu que gozas tão perfeita sade pensas em ficares doente amanhã ? Vamos. Alfredo . . . assegura-me sob tua palavra que não faltarás.

ALFREDO.

Não posso.

AURELIO.

Pois bem ; assim como não podes acceitar o convite que vim expressamente fazer-te, eu não poderei demorar-me nem procurar-te mais. (*Movimento de sahir.*)

ALFREDO.

Escuta, Aurelio.

AURELIO, *já na porta*.

Dás ou não a tua palavra de não faltares ?

ALFREDO.

E que remedio tenho eu ? . . .

AURELIO, *aproximando-se*.

Bem ; agora estou contente contigo. Diz-me quando pretende teu pai retirar-se daqui ?

ALFREDO, *aparte*.

Meu Deus ! (*Alto.*) Ainda não sei ; fez leilão de todos os seus moveis com tenção de relirar-se logo ; um negocio, porém que promettia prompta decisão, o tem demorado até o presente ; sugeitando-nos por tanto tempo a essa terrivel moradia.

AURELIO.

E' verdade ! Depois de habitar um tão bello palacete, deve ser intoleravel essa transferencia. Que bellos pagodes fizemos alli ! ainda me lembro quando Eduardo . . . e por fallar em Eduardo : não tens recebido noticias d'elle ?

ALFREDO, *aparte*.

Como é horrivel isso, meu Deus ! (*Alto.*) A's vezes.

AURELIO.

Mas que razão o resolveu a alistar-se no exercito ?

ALFREDO, *dissimulando*.

Eu te digo : elle estava apaixonado por uma moça que o não correspondia ; e desesperado por tão banal circumstancia, exigiu que meu pai o mandasse para o exercito em vez de seguir para Pernambuco.

AURELIO.

Que louco ! Porém ouvi dizer que teu pai foi quem o forçou a seguir ? . . .

ALFREDO, *aparte*.

Com effeito ! (*Alto.*) Dizem isso, mas é porque meu pai que não queria deixa-lo partir, foi forçado a consentir, porque elle insistiu a ponto de se declarar que se tornaria um verdadeiro peralta, e que se entregaria mesmo á embriaguez caso não fosse realisado o seu desejo, e quando menos esperavamos entrou em casa completamente embriagado, á vista do que meu pai ficou mal com elle, mas não deixa de mandar-lhe uma mezada, consentiu na sua partida, e como nenhum moço nas circumstancias de Eduardo póde assentar praça sem permis-

são de seu pai, elle foi em pessoa ao general para assegurar-o e é por isso que geralmente se pensa o que me declarastes. (*Aparte.*) Hade forçosamente saber as occorrencias, e com esta declaração subtraíro-mo a novas indagações.

AURELIO.

Coitado! Era o defeito que que lhe notava, o ser tão sensível, mas, enfim, ha males que vem para bem, talvez muito breve tenhamos de vê-lo um grande general, porque elle é todo esperançoso, além disso intelligente.

ALFREDO.

Qual, meu amigo! Ignoras quaes sejam as prosperidades que se affectam ás justicas dos nossos governos? Não sabes que ordinariamente encontram merecimento naquelle que faltando-lhe andar com as mãos no chão teem um padrinho que é visconde, ou uma madrinha que é marqueza?

AURELIO.

Assim é; mas eu não vim aqui tratar de governos; os nossos governos são os nossos pagodes, e amanhã devemos ter um de mão cheia; olha, as pequenas são lindas como os amores. Amanhã ás 11 horas estarei aqui.

ALFREDO.

Está bem; mas não precisa encommodares-te, vindo-me buscar; porque sei o caminho.

AURELIO.

Lá isso será como melhor entenderes. Até amanhã. (*Movimento de sahir.*) E eu ia retirando-me sem fazer-te uma declaração...

ALFREDO.

O que?

AURELIO.

Hontem perguntando-se-me o juizo que eu fazia a teu respeito... permite-me que seja franco...

ALFREDO, *risonho.*

Vamos, expõe o teu parecer.

AURELIO.

Respondi... que era teu amigo, mas que apesar de ter

feito um estudo particular sobre tua pessoa, nada tinha podido concluir, porque és um mixto de todos os sentimentos... Olha, tu estás sempre mergulhado em prazer, salvo se vês alguma morte, ou cousa semelhante, porque então pareceme uma criança. (*Rindo.*) Sabes que mais? Rotiro-me declarando-te que chamei-te um miscelanea. (*Sae.*)

Scena VIII.

ALFREDO, só.

ALFREDO, *pausa.*

Uma miscelanea! E' justamente o que quero parecer... Que proveito me resulta de manifestar ao mundo os meus sentimentos? Para que dizer-lhe que o meu coração soffre torturas e torturas inqualificaveis? Para sugeitar-me ao seu escarneo? Não. Sempre mergulhado em prazer!... Será por que sinto a minha alma revestida de pureza e lealdade; e tambem sinto que ninguem a comprehende? Será porque eu que já fui rico, eu, que já á sombra de meu pai figurei como figuras hoje, sou forçado a esquivar-me ao convite que me fazes para um festim que preparas, ou a acompanhar-te com a minha unica sobrecasaca já em deploravel estado? Será finalmente porque não posso animar-me a pronunciar o nome de Rosalina a quem amo como não cabe na expressão, por isso que ella é rica e eu sou pobre? Não, não é por nada disso, mas é porque enquanto julgarem real este meu prazer, tu e os outros me procurarão, ao passo que sentirem o contrario fugirão de mim como da peste. Que triste papel que represento! Ter sido rico e querer parecel-o! Meu Deus! porque me não fizestes nascer na miseria? Não teria experimentado o goso da influencia da riqueza, e portanto me seria indifferente a miseria que agora supporto; indifferente me é ella quanto a mim, porque conhecendo o mundo e a sua miseravel saudação, nenhum aprego dou aos gozos da vida; pouco me importa occupar a bruta palha; o que me não é indifferente, é não poder ser olhado pela bella Rosalina, porque sou pobre, mais pobre que os mendigos... Como se enganam! Quantas vezes se encontra uma alma rica em um homem pobre! Porém que vale a sua pureza, se elle é sempre considerado no numero dos perdidos?... Mas não, é falso, o homem pobre só póde parecer máo pela circumstancia de ser pobre, ante

aquelle cuja riqueza o faz tremer em presença de Deus... Oh! meu irmão! E a ti devo tudo isso; não, não é a ti, é a esse monstro cujo futuro ha de ser horrivel. Prosegue, prosegue a tuamarcha, e no fim della encontrarás pungentes espinhos... E meu pobre irmão? Quanto não terá soffrido? Oh! como este mundo me faz tremer de horror! Como não terás, meu irmão, experimentado as torturas da fome, o inferno da miseria; E a quem deves esses tormentos? A quem deve a sociedade a perdição de um homem que pelos principios de sua educação, pelo seu nascimento deveria ser-lhe util? Ao mesmo a quem as garras do vicio deve esse augmento, a quelle que incolume acobertado da mais abominavel hypoerisia, é sustentado por pais negligentes que lhe confiam a educação de seus filhos; a aquelle que senhor de tal confiança, a primeira lição que expõe ao incauto é a da perdição, e esse homem vive, tem collegio de instrução, e esse collegio, esse covil é tolerado pelo paiz é sustentado no Brasil.

Scena IX.

O MESMO E UM SOLDADO.

SOLDADO.

Será aqui que mora o Sr. commendador Antonio Marcos?

ALFREDO.

Sim meu camarada. O que pretende?

SOLDADO.

Eu acabo de chegar da Fronteira, e trago para esse senhor uma carta de um camarada chamado Jeremias Ferreira, que me pediu que a entregasse logo.

ALFREDO, *aparte*.

De Jeremias Ferreira? E' possivel! (*Alto.*) Então não hade ser para aqui, porque não conhecemos nenhum soldado com semelhante nome.

SOLDADO.

Mas não mora aqui este commendador?

ALFREDO.

Mora, porém...

SOLDADO.

Porém eu entregando a carta que trago ao senhor que tiver tal nome, e indo a outra casa, tenho desempenhado a minha incumbencia.

Scena X.

Os MESMOS, JOANNA E ANTONIO.

JOANNA.

Um soldado!

ALFREDO.

Este camarada, traz uma carta para meu pai e diz ser dirigida por um outro soldado de nome Jeremias Ferreira.

ANTONIO.

Ha de ser de Eduardo.

JOANNA.

De meu filho?

SOLDADO.

Eu não sei se o camarada é filho da *sinhá dona*; a carta está na mochilla e eu vou entregal-a. (*Arreia a mochilla e della tira uma carta.*) Ei-la aqui. (*Entrega-a a Antonio.*)

ANTONIO.

Não ha duvida. E' de Eduardo.

JOANNA.

E meu filho carrega todas essas correias?

SOLDADO.

Carrega, *sinhá dona*, mas elle logo se acostuma, eu tambem estranhei muito.

JOANNA, *chora*.

Meu pobre filho!...

ANTONIO, *depois de abrir a carta*.

Porém é dirigida a Alfredo. (*Entrega-a.*)

ALFREDO.

Sim, é para mim. (*Depois de examinal-a.*)

SOLDADO.

Vms. não determinam mais nada ? Eu tenho de ir a outra casa . . .

JOANNA, *aparte a Antonio.*

Não se dá nada ao homem ?

ANTONIO, *o mesmo.*

O que se ha de dar, minha mulher ? (*Alto ao soldado.*) O senhor já almoçou ?

SOLDADO.

Não, senhor, mas eu vou para o quartel porque talvez ainda encontre a boia.

ALFREDO, *dando-lhe uma moeda.*

Toma, meu camarada.

SOLDADO, *recusando.*

Mas eu não vim aqui por paga. O homem que serve a patria, aquelle que conta a ventura de ser protegido pelas bandeiras do Brasil, não faz obsequios por dinheiro, e arrepende-se de prestal-os, quando é assim affrontado. (*Sai.*)

Scena XI.

Os MESMOS E CAETANO.

ANTONIO.

Foste offender ao homem, Alfredo.

JOANNA.

Mas elle não é como os outros soldados.

ALFREDO, *aparte.*

Sempre reprehendido ! (*Alto.*) E' um homem a quem eu sei comprehender.

ANTONIO.

Mas o que significa trazer elle a carta dizendo ser enviada por Jeremias ?

ALFREDO.

Vou lêl-a para Vms. ouvirem.

ANTONIO, *senta-se.*

Lê, lê ; vamos ouvir o que diz.

ALFREDO, *lendo.*

« Meu irmão.—Sinto estalar-se-me a cabeça, e por isso te não posso fazer uma exposiçã exacta do quanto soffre o meu pobre coração ; tu, porém, que conheces a pureza delle, avalia um momento as torturas a que tem estado sujeito. O malvado Jeremias a quem foi confiada a minha instrucção, e a nenhuma experiencia que tenho das cousas do mundo, em um desses momentos a que se não pôde o homem escapar, sepultou-me para sempre na desgraça. Não deveria ser tão precipitado em arriscar os oito contos de réis que havia recebido de meu pai para fazer o pagamento da letra que sabes, porém principiei a jogar, perdi a primeira parada, e a ambição de não querer parecer criminoso em sua presença fez-me perder a segunda e terceira, e todas as mais. O malvado, logo que apoderou-se de algum dinheiro meu, pretextou molestia para não continuar ; então, desesperado, procurei o jogo como quem procura a salvação, e corri sem perda de tempo a uma casa de jogadores levando o adereço de minha pobre mai, que, como sabes, estava em meu poder, afim de o mandar concertar. Mas não sei que infernal fatalidade me impellia ao abysmo. A minha mão tremia, meu irmão, como treme agora meu coração, mas o que queres ? Eu sou tão criança ! . . . tenho apenas dezoito annos . . . »

JOANNA, *chorando*

Meu desgraçado filho !

ALFREDO, *continuando.*

« . . . Perdido, desgraçado, lancei mão do ultimo recurso possivel ; apresentei-me a meu padrinho suppondo que as minhas lagrimas o podesse commover ; mas qual ! O seu coração era forrado de estanho, porque ajoelhei-me a seus pés, pedi-lhe, offereci-me para servil-o como escravo, porém sempre debalde, porque elle só me pôde offerecer cinco ou dez mil réis ; então não sei o que senti : apenas me lembro que arrastado pelo desespero, esqueci-me de que era meu padrinho e arremecei a seus pés o resto do dinheiro que ainda tinha e que eram tres contos de réis dos quaes elle se apoderou. Scientifica, pois, a meu pai desta circumstancia, por-

que só agora é que imagino o quanto lhe será útil o haver aquella quantia. Dous obsequios tenho ainda a pedir-te, e vem a ser :—1º, o de velares sobre Honorina com aquelle interesse com que zelarias uma nossa irmã, porque com quanto nenhuma esperança me reste de possuil-a, comtudo eu a amo como só o sabe meu coração 2º, o de perdoares os males que te possa causar o teu desgraçado irmão — *Eduardo.* »

ANTONIO.

Então, Joanna ? Ainda duvidas do quanto te expuz relativamente a Caetano ?

JOANNA.

Que malvado ! Mas, não viste a segurança com que nos fallou ha pouco ?

ANTONIO.

Eu por mim parece-me o estar vendo apanhar o dinheiro.

CAETANO, dentro.

Dá licença ?

ANTONIO, alterado.

Ei-lo que chega. Entre.

Scena XII.

Os MESMOS E CAETANO.

CAETANO.

Meu compadre : desculpe-me se o venho incomodar, pouco me demoro. Tolere a minha franqueza que é filha da occasião, tanto que ainda ha pouco quando cá estive, fui eu o primeiro a pedir-lhe que me não fallasse no pagamento de sua letra : um caso imprevisto, porém, me fôrça a rogar-lhe que á custa de todo o sacrificio tente saldal-a no dia de seu vencimento que é depois d'amanhã.

JOANNA, aparte.

Malvado

ANTONIO.

Sr. meu compadre : desnecessario parece-me a lembran-

ça que tem, porque nunca me esqueço de dar cumprimento aos meus devedores, para o que emprego todos os meios ; todos aquelles que são aconselhados pela dignidade e pela honra ; mas uma vez que usou de uma franqueza que me apraz, creio que tenho o mesmo direito de ser franco, assim pois queira perdoar-me e ouvir-me. Existem em seu poder, letras e ficas, meus, no valor de quatro contos de réis ; vence-se uma das letras, que como sabe é de duzentos mil réis, depois d'amanhã o meu compadre ha de ser embolsado do seu dinheiro, para o que trabalho ha muitos dias ; no entretanto permitta-me que lhe declare que preciso uma explicação sua porque muitas vezes a falta de uma explicação concorre para que se faça um abominavel juizo de homens a quem se deve respeitar pela sua posição.

CAETANO, aparte.

Mão ! (*Alto.*) Eu cá estou prompto a dar-lhe o numero de explicações que lhe convenha. (*Aparte.*) É muito principalmente se dellas depender o recebimento do meu dinheiro.

JOANNA.

Pois bem ; uma vez que assim é, eu lhe direi que não sei ao que possa attribuir a declaração que me faz Eduardo por meio de uma carta que acabo de receber.

CAETANO.

O que, senhor ?

ANTONIO.

Diz elle que em seu poder existem tres contos de réis que me pertencem, e que lhe deu a guardar.

CAETANO, embarçado.

A mim ?... (*Aparte.*) Bravo ! o diabo do homem é capaz de, com tal pretexto, demorar-me o pagamento. (*Alto.*) Ora, meu compadre ! Quererá lembrar-se agora do seu tempo de dezoito annos ?

JOANNA.

Perdão, Sr. Caetano : o negocio de que se trata é revestido de inteira gravidade.

CAETANO, *asperamente*.

De inteira gravidade é elle, e muito principalmente para mim que emprego toda a gravidade quando trato de obter o meu dinheiro.

ANTONIO.

E' justamente do que me occupo agora, senhor .

CAETANO, *duvidoso*.

Pois... quererá... dizer... que... me não paga ?

ANTONIO.

Não digo isso , porém sem uma explicação . . .

CAETANO.

Explicação de que ? Como explicar uma infame calúnia ?

JOANNA.

Perdão, senhor ; a carta está aqui, e meu filho não é um calumniador. (*Leva a mão á boca como que arrependida.*)

CAETANO, *desesperado*.

Ora pelo amor de Deus ! O que é ?

JOANNA.

Jesus !

ANTONIO.

Ladrão ! Ladrão ! E' mentira . . . meu filho não é um ladrão ; o ladrão és tu . . . (*Avança para Caetano.*)

JOANNA, *detendo-o*.

Antonio !

ALFREDO, *o mesmo*.

Meu pai ? (*Sentam-no n'uma cadeira.*)

CAETANO *convulso*.

Que diabo de modo de tratar um credor é esse ? Sr. Antonio, prepare-me o meu dinheiro, senão será chamado a juízo, e lembre-se de que o *fica* não tem espera.

ANTONIO.

Malvado !

ALFREDO, *aparte*.

Ainda mais esta ! (*Alto.*) Sr. Caetano da Silva, proceda como lhe aprouver perante as leis, porém lembre-se de que eia minha presença ninguem insulta meu pai.

Scena XIII.

Os MESMOS E CAROLINA.

CAROLINA *em completa afflicção*.

Joanna . . . minha Joanna !

JOANNA.

Carolina ! (*Corre a ella.*)

CAROLINA.

Não sei aonde tenho a cabeça . . . A minha pobre filha que desde a partida do primo tem estado sempre triste, e muitas vezes doente, recebendo hoje por intermedio de um soldado que chegou da Fronteira, noticias d'elle teve um accesso pelo qual me demonstra estar louca . . .

TODOS.

Louca !

CAROLINA.

Só pronuncia a palavra—ladrão !

TODOS.

Oh !

CAETANO, *aparte a Carolina*.

Então, senhora, não cede ? quer antes suguitar-se á vergonha da penhora que lhe foi decretada, e ainda mais ao que lhe posso fazer, porque como sabe :—sou rico.

CAROLINA, *afastando-se*.

Miseravel ! Carolina Menezes te não pôde sacrificar a honra de sua filha ! Malvado ! Ella prefere a vergonha do carcere á deshonra, e quando me dizes que és rico, mentes, mentes porque a tua riqueza é mais miseravel que a mendicidade do pedinte, mentes porque cada moeda que contares nos teus cofres é um gemido que deixa ouvir a desgraça. Para que me franqueias a tua riqueza ? E' porque sabes que te

não posso vender minha filha, não é assim? Para que occultas ao miseravel que te pede um pão para matar a fome? E' por que és mais mizereval que elle. Pois bem, eu tenho dinheiro para apagar a chamma que te abraza, porque um deverdor de meu marido acaba de salvar-me para sempre talvez á tua abjecta perseguição.

CAETANO, *aparte*.

Não ha remedio senão tentar o crime. Honorina ha de ser minha. (*Alto*.) Estimo isso porque preciso o meu dinheiro.

Scena XIV.

Os MESMOS E HONORINA.

TODOS.

Honorina!

CAROLINA

Minha filha! (*Corre a ella.*)

HONORINA, *desgrenhada, com o olhar desvairado.*

Ladrão! Ladrão!... (*Gargalhada prolongada.*)

(*Cae o panno.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

O theatro representa o mediocre hotel de Jeremias; mesa de jogo, sobre ella está uma caixinha que contém dois baralhos de cartas, fixas, e um embrulho.

Scena I.

JEREMIAS, só.

JEREMIAS.

Como são todas as cousas deste mundo! Quem diria que eu de professor passaria a pastelleiro! E' verdade que podia estar peor, se o chefe de policia não resolvesse a questão como um verdadeiro magistrado que é.—Não ha motivo para processo por falta de provas, e quanto ao jogar com os alumnos, é questão decidida pelo director-geral dos estudos; lá esse não foi muito justo, mas emfim, antes assim:—suspenda-se o collegio. E' o mesmo. Agora o que devo fazer é occultar-me aos olhos do tal commendador, que segundo me parece está muito contra mim; mas que culpa tenho eu de vir seu filho jogar comigo? A unica de que me accusa a consciencia é a de ter dado com o *basta*, despresando o resto do dinheiro; mas é que podia muito bem perder o que já aqui estava aquartelado (*bate no bolso*). por isso que ainda não havia descoberto o santissimo *pegóte*, além de que o dinheiro era ganho a um menino: no entretanto que se eu soubesse que linha de entender-me com o director-geral dos estudos, e não com o chefe de policia, pouco me importaria de ganhar o até a Christo.—Ah! Eduardo! Que se fosse hoje, terias de sahir daqui como sahiu o tal Juvencio, que perdendo por diferentes vezes a importancia de dez contos de réis, foi parar á Correção porque o dinheiro que perdeu era pertencente ao Banco em que era empregado. Leve-lhe o diabo. (*Pausa.*) E o tal Sr. Caetano que anda como louco a procurar-me!... mas que tenho eu com elle? O dinheiro que cái em minhas unhas meu é, e principalmente quando posso sem dar satisfações abrio um hotel em lugar tão retirado da cidade; além disso dez contos de réis para o Sr. Caetano é o mesmo que dez vintens para mim; e em todo o caso se o aperto for forte o dinheiro está intacto. (*Bate no bolso.*) Tenho ás vezes idéas extraordinarias! Decididamente nasci para ministro d'estado. Como me havia eu de lembrar de apresentar ao Aurelio, a Hortencia e a Constanca, para influindo-o forçal-o a dar aqui

um jantar? O diabo é que adoeendo-lhes na cidade uma parenta, ellas para lá foram, e o tal Aurelio que ficou de trazer consigo um amigo para apresental-as, terá de passar pelo dissabor, de as não encontrar. Ah! Aurelio, que se te decides a jogar, e se esse que trazes fôr rico, como supponho, estarei como quero. O grande caso é que depois do lucro que fiz ha seis mezes com Eduardo, ainda não tive occasião de ficar sem um vintem, como tantas outras vezes me succedia anteriormente. Que bom dinheiro! Mas deixemos Eduardo e tudo que lhe fôr relativo, e vamos entreter-nos em preparar o *pegóte*, porque os sujeitos não podem tardar. (*Senta-se á mesa, tira da caixinha o embrulho e delle uma qualquer cousa que esfrega em algumas cartas.*) Se eu pudesse ganhar hoje uns dous contos... Bem, este está prompto. Mas não sei o que sinto em minha cabeça!... Não sei o que me prediz o coração! Ha de ser pena de augmentar meu capital, talvez. E o Sr. Anacleto que foi desde 5 horas procurar o Moraes, e até agora não voltou!... (*Levanta-se.*)

Scena II.

O MESMO E ANACLETO.

ANACLETO.

E' muito difficil dar cumprimento ás determinações de vossa senhoria.

JEREMIAS.

Mas então o que ha? Não encontraste o homem?

ANACLETO.

Qual, senhor! Bati a cidade inteira inutilmente.

JEREMIAS.

Não sei quando deixarás de ser estúpido; não o encontraste porque não o procuraste, mas deixa que um dia me pagarás tudo por junto. Diz-me: ante-hontem quando cá esteve aquelle moço, dei-te dois mil réis, que ainda me não restituiu!

ANACLETO.

Pois se meu amo confessa haver-m'os dado... E' verdade que segundo o costume devia tel-os restituído, porém é que

desta vez meu amo foi infeliz porque perdi o dinheiro no jogo

JEREMIAS.

Vamos, Anacleto, não te divirtas; sabes que não costumo brincar com prejuizos.

ANACLETO.

Mas o que hei de fazer, se realmente perdi o dinheiro?

JEREMIAS.

Maldicto tu sejas. Mas então porque não jogaste comigo, imbecil, uma vez que tinhas a certeza de perder?

ANACLETO.

Bem vê que sendo vossa senhoria meu amo...

JEREMIAS.

Bem vê... o diabo que te carregue, estúpido. Dou-lhe o dinheiro em presença do Aurelio para por esse meio dar-me a importancia, e o mariola tem o disparate de dizer-me que o perdeu. Não é nada:—são dois mil réis, dois mil réis que muitas vezes é a fortuna de um homem. E além disso não encontrou o Moraes, de sorte que se fôr descoberto o partido do *pegóte* terci de jogar a balda, porque não conheço um outro artificio. Já para dentro, patife, vai cuidar no que tens a fazer.

ANACLETO.

Eu vou já. (*Tropel dentro.*) Mas se me não engano, chega um dos moços a quem meu amo espera.

Scena III.

Os MESMOS E ALFREDO.

JEREMIAS, *miraudo-o, aparte.*

Quem será esta figura! (*Alto.*) Pretende alguma cousa, meu senhor?

ALFREDO, *aparte.*

Elle! (*Alto.*) Procuo o Sr. Aurelio que deve aqui passar o dia.

JEREMIAS.

O senhor será a pessoa que segundo disse ia convidar para jantar hoje em sua companhia?

ALFREDO.

O mesmo. E o senhor será o Sr. Jeremias que dirigio um collegio em Botafogo?

JEREMIAS.

E' verdade. (*Aparte.*) Este não tem cara de ter dinheiro ; mas quem sabe ? O habito não faz o monge. (*Alto.*) Porém não sei a quem tenho a honra de dirigir-me.

ALFREDO.

A um intimo amigo de Aurelio ; a um moço que tendo esbanjado parte da fortuna de seu pai, sua unica esperança, pelo menos emquanto elle fôr vivo, é o acaso.

JEREMIAS.

Mas como o acaso ?

ALFREDO, *dissimulando o embaraço.*

Eu lhe digo :—Meu pai que é um abastado fazendeiro, estabelecido em Campos, mandou-me para Europa, afim de instruir-me, facilitando-me ordens francas, etc.. etc Eu, como era natural, aproveitei-me dellas quanto pude, até que elle desesperado mandou-me buscar ; ora, não me convindo estar em sua companhia, empreguei todos os meios para que me mandasse para este bello Rio de Janeiro, onde a minha prodigalidade proseguio por algum tempo. Não havia mulhet que não saudasse o meu nome com enthusiasmo, não havia banqueiro que me não fallasse com o riso nos labios. . .

JEREMIAS.

Eim ? pois o senhor tambem joga ?

ALFREDO.

E o que seria de mim se tal não succedesse quando meu pai por outros differentes motivos suspende-me todas as garantias ? Mas, meu amigo o jogo é como tudo sujeito ás occasiões: ha portanto epocha de azar e de felicidade: presente-mente acho-me estacionado na primeira, e é por isso que me vê reduzido a este estado. (*Mostra o vestuario que não é*

novo.) Comtudo, meu pai não hade ser eterno e a sua morte me proporcionará occasião de tirar a minha desforra.

JEREMIAS.

E que idade terá o senhor seu pai ?

ALFREDO, *aparte.*

Malvado ! (*Alto.*) E' velho bastante, de sorte que pouco poderá viver.

JEREMIAS, *aparte.*

Se o diabo morresse já não seria máo : mas emfim o tratamento ficará para quando morrer, por emquanto que se sente para ahi. (*Alto*) Eu cá, meu amigo, entendo que quem não joga, não vive. Pois haverá o que se compare com o ganhar dinheiro assentado ?

ALFREDO, *aparte.*

Bem póde ser este o momento, meu Dens, porém como se não possuiu um real ? (*Alto.*) Já vejo que é do meu parecer ?

JEREMIAS.

Uma vez que assim é esperemos o seu amigo, porque farei uma *banquinha*. Elle tem de dar o cavaco, porque duas raparigas a quem convidou para jantar em sua companhia, por motivo de molestia de uma parenta, foram para cidade esta manhã.

ALFREDO.

Com effeito, o caso é para enfiar.

JEREMIAS.

Mas que lhe hei de eu fazer ?

ANACLETO.

Senhor, preciso dinheiro para despezas.

JEREMIAS, *com embaraço.*

Pois ainda agora te lembrás disso ? Toma. (*Tira um grande embrulho de dinheiro e procura mostral-o a Alfredo.*) Faze as despezas e o resto guarda para ti. (*Dá-lhe uma cédula, e aparte.*) Vê lá, mariola que não faças a mesma graça. (*Guarda o embrulho bem no fundo do bolso, e está sempre desconfiado.*)

ANACLETO.

Sim, senhor. (*Aparte.*) Eu te conversarei, impostor. (*Sã.*)

JEREMIAS, para Alfredo.

Este mariola faz de mim tudo o que quer.

ALFREDO.

Meu amigo, os bons são os que soffrem. (*Pára um carro.*)
Mas, parou um carro, e deve ser Aurelio.

JEREMIAS.

Não ha duvida : ha de ser elle.

Scena IV.

Os MESMOS E AURELIO.

AURELIO, já na porta.

Alfredo já ha de estar aqui. (*Vendo-o.*) Eu já o sabia. (*Entrando.*) E' justamente o que digo : hontem quando o fui convidar :—Não posso, estou doente, etc., etc. ; porém ainda não são onze horas, e já estaes aqui pelo menos ha duas.

JEREMIAS.

Não : elle chegou neste instante.

ALFREDO.

Seja como quizeres. Como passaste ?

AURELIO.

Bem. Mas que diabo de frieza é esta ? Onde estão as raparigas ?

JEREMIAS.

Meu amigo, o senhor foi infeliz ; pergunte ao seu amigo o que lhe succedeu ?

AURELIO.

Então o que foi, Alfredo ?

ALFREDO.

Eu sei . . . Diz o Sr. Jeremias, que por motivo de molestia de alguém foram forçadas a ausentarem-se esta manhã.

AURELIO.

Ora, com effeito, Sr. Jeremias, e eu que tanto tinha que fazer hoje.

JEREMIAS.

Porém bem vê que não tenho culpa.

ALFREDO.

Já agora não sahirei d'aqui senão á noite.

JEREMIAS.

Em tal caso o Sr. Aurelio não desmanchará o prazer, ausentando-se ; e, para que não passemos o dia em completa monotonia, vou fazer uma *banquinha* de monte. Não concordam ? (*Vai-se aproximando da mesa.*)

AURELIO.

Quero cá saber de monte.

ALFREDO.

Fica, Aurelio. (*Aparte.*) Nada digas de real a meu respeito ; declara, se fôr preciso, que sou filho de um abastado fazendeiro estabelecido em Campos, e acrescenta que sou extravagante.

JEREMIAS.

Vamos principiar. (*Senta-se e abre a caixinha.*) Quanto querem de fixas ?

ALFREDO, *aparte.*

Não ha remedio senão representar mais uma vez o meu ridiculo papel. (*Apalpa-se, finge ter esquecido a carteira.*—*Alto.*) Não posso acompanhar-te, Aurelio, e retiro-me.

AURELIO.

Mas o que significa isto ? Eis porque te chamo uma miscelanea.

ALFREDO, *dissimulando.*

Mas porque ?

AURELIO.

Porque, depois de haveres neste instante combinado em aqui passares o dia, repentinamente resolves o contrario.

ALFREDO.

Isso explica-se da maneira seguinte: combinei em aqui passar o dia, com o fim de apontar a banca que vai fazer o Sr. Jeremias; dando-se porém a circumstancia de haver esquecido a carteira, proponho minha retirada porque quem não tem dinheiro não joga.

JEREMIAS, *que está contando as fixas.*

Lá isso é verdade. Quem não tem dinheiro não joga.

AURELIO, *aparte.*

Pensa que ignoro a sua miseria, mas deixemo-lo nesta illusão. (*Alto.*) Crê que me offendes, Alfredo. Deves saber, que sempre ando com avultadas quantias, as quaes, com quanto me não pertençam, estão todas ao teu dispôr.

JEREMIAS.

Bravo! Gosto desta franqueza. Eu cá não offereci do meu, porque (*aparte*) não sou tolo; (*alto*) porque sabia que o senhor não o aceitaria. O Sr. Aurelio é um moço digno de tudo; e o senhor o que ha de responder a isso?

ALFREDO.

Eu? que a bondade do meu amigo é superior a quantos agradecimentos possa imaginar.

AURELIO.

Lisongeiro sabes tu ser. (*Offerece-lhe a carteira.*) Não te vexes, porque o Sr. Jeremias sabe que tens dinheiro, e que só por um esquecimento utilisas-te de minha offerta.

ALFREDO, *aparte.*

Oh! meu Deos! Como poderia ser eu feliz! (*Alto.*) Forçado pela necessidade de não passar um dia inteiro de braços cruzados, ou de não ausentar-me, desprezando tão amavel companhia, aceito a tua offerta. (*Tira uma cédula da carteira.*) Não preciso, entretanto, mais que cincoenta mil réis; até por não estar disposto a grandes prejuizos: basta os que já tenho tido.

JEREMIAS, *aparte.*

Que pedaço d'asno. (*Alto.*) Sim, meu amigo, o homem deve regular-se pelo relógio de suas circumstancias; além do que

para se ganhar, ha mais necessidade de fortuna que de dinheiro.

AURELIO.

Faze lá o que quizeres, ficando, porém, certo de que tens ao teu dispor letras de algum valor, além de seis contos de réis em moeda.

JEREMIAS, *com essa declaração, mira-o de alto a baixo, e esfrega as mãos.*

Vou fazer jogo.

AURELIO.

Bem; principie essa historia.

(*JEREMIAS, durante o jogo, está desconfiado; tira com precaução o dinheiro, e colloca-o junto a si; sempre que Aurelio abre a carteira, arregala os olhos.—A grandeza das paradas é que indica o modo mais ou menos tremulo porque deve estar.—Alfredo e Aurelio jogarão de pé quando fôr conveniente.*)

JEREMIAS, *lançando duas cartas.*

Eis ahi um *vallet* e um *oito*.

ALFREDO.

Páro no *vallet*. (*Pára.*)

AURELIO.

E eu te acompanho. (*Pára.*)

JEREMIAS, *carteando.*

Com effeito! Quem pretende só jogar cincoenta mil réis, paral-os na primeira carta!... não sei ao que se propõe.

ALFREDO.

Propõe-se... a... ganhar... como realmente ganhei.

JEREMIAS.

Diabo de *vallet*! (*Paga as paradas.*) Olhem, só poderão perder se quizerem, uma vez que já ganham. E' verdade que me apraz o principiar perdendo. O diabo é, que o Sr. Aurelio já traz um mão precursor para mim, porque quem é infeliz com moças, é feliz no jogo. Eis um *nove* e uma *dama*.

ALFREDO, *aparte a Aurelio.*

Aurelio, na palma existe uma *dama*; dá-me pois o dinheiro

que tiveres, porque não devo perder esta occasião. (*Alto.*) Espere, banqueiro. (*Para Aurelio.*) Meu amigo, deixa-me morrer pelas damas; dá-me o dinheiro que tiveres.

AURELIO.

Pois queres parar sessenta contos de réis?

ALFREDO.

Não se trata das letras, peço-te o dinheiro simplesmente.

JEREMIAS, *aparte.*

Oh! meu Deos!

AURELIO, *aparte a Alfredo.*

E se perderes?

ALFREDO, *o mesmo.*

Não posso perder, porque vi a dama.

JEREMIAS, *contente.*

Que parceirinho! já vejo, meu amigo, que o senhor é amigo das damas. Eu já joguei com um rapaziño de nome Eduardo, que só parava nas damas.

AURELIO.

Attende, fallou em...

ALFREDO, *aparte a Aurelio.*

Silencio. (*Alto.*) Páro na dama, o dinheiro moeda que contiver essa carteira. (*Alira-a.*)

JEREMIAS, *aparte.*

Oh! fortuna! (*Alto.*) Tôpo; mas quero saber o que ella contém, pois não compro nabos em sacco: uma vez jogando com um sujeito a quem declarei não topar maior parada que a de quinhentos mil réis, elle occultou cinco cédulas de quinhentos em cinco de cem mil réis, e eu tive de pagar trez contos de réis!

AURELIO.

Porém pagou porque quiz, uma vez que tinha marcado o coito.

JEREMIAS.

Paguei, mas não foi porque quiz, não senhor; paguei, mas

porque o diabo era um estouvado: qualquer cousinha que lhe dizia, era logo: Protesto... desafio... etc., etc.

AURELIO.

Pois o senhor tem medo de desafios no Brasil? Está bem; para evitar questões, declaro-lhe que a carteira contém seis contos de réis.

JEREMIAS, *aparte.*

Estás bem arranjado. (*Alto.*) Jôgo seis contos de réis no nove, não é assim? (*Aperta as cartas.*) Vou fazer jôgo. (*Vira-as e apresenta na palma uma dama.*) Perdi... mas não costume jogar com a carta da palma, e por tanto não pago. (*Arremessa as cartas.*) Não jôgo mais. (*Aparte.*) Pôde o diabo dar com o basta.

ALFREDO.

Concordo com a declaração que faz de não continuar a jogar, mas não posso concordar com a de não pagar a parada que perdeu.

JEREMIAS.

Ora veja se sou algum tolo que me deixe roubar. (*Querendo levantar-se.*)

AURELIO.

Roubar!

ALFREDO, *forçando-o a sentar-se.*

Sente-se, junto as cartas, pague a parada, são os unicos meios de reparar o prejuizo que acaba de fazer.

JEREMIAS, *espantado pela força que emprega Alfredo.*

Mas quem é o senhor, que assim me trata em minha casa?

ALFREDO.

Isso é que pouco importa saber: sou um homem a quem deve respeitar, porque tenho dinheiro e jôgo.

JEREMIAS, *aparte.*

De onde sahiriam estes homens.

AURELIO.

O Sr. Jeremias não tem razão para offender-nos, porque está experimentando o que tem feito, talvez, outros experi-

mentar. Pague a parada a Alfredo; é o unico procedimento que deve ter.

JEREMIAS, *aparte.*

Que remedio terei eu ? (*Alto.*) Pois bem, eu vou pagar; porém o senhor promette dar-me desforra ?

AURELIO.

Só ? Não quer tambem que lhe deixemos ganhar... por exemplo... trinta ou quarenta contos de réis ?

JEREMIAS, *depois de contar seis contos.*

Aqui estão os seis contos de réis que me acaba de ganhar; mas fique certo de que não ganha nem perde com a carta da palma. (*Aparte.*) Desgraçado ! (*Alto.*) Vou fazer jogo.—Vamos... um rei e uma infernal dama.

ALFREDO, *aparte.*

Sugitemo-nos agora ao capricho da sorte. (*Alto.*) Páro ainda na *dama* doze contos de réis.

AURELIO.

Alfredo !

ALFREDO, *aparte a Aurelio.*

Importa-te contigo.

JEREMIAS, *aparte.*

Se eu soubesse que parava tão forte não me incommodaria tanto com o primeiro prejuizo. (*Alto.*) Noto que o senhor é um parceirinho como apparece poucas vezes.

AURELIO.

A fallar a verdade, isso de jogo deve ser assim; ou ganhar ou perder.

JEREMIAS.

Sr. Aurelio, eu em jogo quero dinheiro e não conselhos. (*Demora alguns instantes cartearando, até que apresenta um rei.*) Ganhei doze contos de réis!

ALFREDO.

E mentira : ganhei eu...

JEREMIAS, *querendo juntar as cartas.*

Como ganhou ? A minha carta não é o rei ?

ALFREDO, *impedindo a junção das cartas.*

E a minha é a *dama*... é justamente por isso que de-claro-lhe haver ganho a parada, assegurando-lhe que incorre em erro quando suppõe estar jogando com as incautas crianças a quem industriava no tempo em que era director de collegio.

AURELIO.

Alfredo , creio que agora não tens razão. O *rei* ganhou.

JEREMIAS.

Isso vejo eu, e não sei o que pretende este senhor. (*Tenta juntar as cartas.*)

ALFREDO, *impedindo.*

Pretendo o meu dinheiro; pretendo não ser vilmente roubado, porque antes de apparecer o *rei* devia ter apparecido a *dama*, a qual não foi vista por estar pegada com outra. (*Apanha uma carta que despega da outra.*) Ei-la.

AURELIO, *admirado.*

Com effeito! o Sr. Jeremias podia annunciar uma aula de jogo.

JEREMIAS, *desesperado.*

E' falso ; essa dama devia ter cahido agora do baralho, e por tanto não pago.

ALFREDO.

Ha de pagar, Sr. Jeremias, pois terei meios de forçal-o a isso.

JEREMIAS, *aparte.*

Maldição sobre tua cabeça ! (*Alto.*) Mas ainda quando quizesse fazel-o não poderia porque o meu dinheiro não chega a doze contos de réis.

ALFREDO.

Pois bem ; uma vez que assim é, contentar-me-hei com o que ahí está. (*Apodera-se do dinheiro de Jeremias.*)

JEREMIAS, *levanta-se arrebatado e tenta arrebatado o dinheiro da mão de Alfredo.*

Espera... tem mais de doze contos; e não me pertencem; esse dinheiro está depositado em meu poder, e se não o tiver para em qualquer momento restituí-lo a seu dono estarei perdido.

ALFREDO, *empurrando-o.*

Affaste-se: d'esse dinheiro quero apenas os doze contos, que foi o que lhe ganhei; e pouco me importa saber se lhe elle pertence ou não. Sente-se e continue a jogar, pois é, como lhe disse, o unico meio de recuperar o que tem perdido. (*Conta o dinheiro.*)

AURELIO.

Sr. Jeremias, acho prudente que se modere, porque com Alfredo o senhor pouco poderá conseguir por meio da força.

JEREMIAS.

Mas eu quero esse dinheiro; eu quero esse dinheiro que me não pertence.

ALFREDO, *entregando-lhe o pequeno resto do dinheiro.*

Eis o resto do seu dinheiro, e, se quer continuar a jogar, troque esse baralho porque elle não é real. (*Aparte.*) Não sei se deva continuar.

JEREMIAS.

Porém, quem é o senhor, cuja presença me inspira tanto receio?...

ALFREDO.

Talvez breve te possa declarar, por em quanto só me cumpre procurar saber se quer ainda jogar.

JEREMIAS.

Eu vou jogar porque póde ainda o diabo querer.

ALFREDO.

Sim, mas depois de trocar o baralho.

JEREMIAS.

Eu o trocarei. (*Faz jogo depois de trocar o baralho.*) Eis um sete e um nove.

AURELIO.

Páro no nove.

ALFREDO.

E eu cópo a banca no sete. (*Pára.*)

JEREMIAS.

O sete é minha carta. (*Ganha o sete.*) Perdeu, Sr. Aurelio.

ALFREDO, *apoderando-se do dinheiro de ambos.*

E o senhor perdeu para mim, Sr Jeremias.

JEREMIAS, *desesperado.*

E nem me lembrava de que o senhor havia copado a banca no infernal sete. (*Levanta-se, vem á boca da scena, arranca os cabellos.*—*Alfredo está occupado em contar o dinheiro que ganhou.*)

ALFREDO, *dando um embrulho a Aurelio.*

Aqui está, Aurelio, os seus seis contos de réis. (*Continua a contar o dinheiro.*—*Aurelio faz o mesmo.*)

JEREMIAS, *aparte.*

E' impossivel que exista Deus!... Estou miseravel... sem um vintem. Amanhã estarei pedindo esmolos, mesmo esmolos porque não ha recurso possivel. (*Pausa.*) E os dez contos de réis de Caetano que se os não entregar logo que elle me descubra, estarei perdido. (*Pausa.*) Sou um desgraçado porque hei de consentir que este malvado saia levando o meu dinheiro. (*Para Alfredo que tem acabado de contar o dinheiro.*) Senhor, não leve o meu dinheiro, pelo amor de Deus... não o leve porque eu terei de mendigar o pão; além do que, como lhe disse, elle me não pertence...

AURELIO.

Essa não é má!

ALFREDO.

Miseravel! E quando te propuzeste a jogar não imaginaste esse momento? Ignoravas que este dinheiro te não pertencia? Não sabias que o resumo da vida do jogar, é forçosamente este que agora experimentas? Para que jogaste? (*Jeremias puxa os cabellos.*) Para que arriscaste o teu dinheiro, e ainda aquelle que te não pertencia? E' por que julgavas certo e teu ganho, não é assim? E' porque contavas com o auxilio desse miseravel artificio que empregaste, não é

verdade ? Mas se pensasses um momento, se o teu feroz coração não fosse negro como o transe porque agora passas, lembrar-te-hias que acima de nós existe um Ente que pela altura em que está collocado nos observa a todos ; existe um Deus que não dorme, e que castiga os malvados. Sofre, sofre, desgraçado, sofre porque estás collocado em um dos dous quadros da vida do jogador ; sofre porque estaes collocado no lugar d'aquelles a quem tens conduzido ao inferno ; e eu que tenho cumprido o meu fim, retiro-me empregnando em tua face o riso do escarneo. (*Movimento de sahir.*)

JEREMIAS, *detendo-o.*

Pois bem ; eu não quero que me restitua o meu dinheiro, quero apenas que tenha compaixão, compaixão de mim ; quero que se não ausente, quero que me conceda o prazer de contemplar o meu dinheiro. Conceba, senhor, qual será a desesperação estampada, em minha alma, que ainda ha pouco mergulhada em prazer, regozijava-se em contar vinte contos de réis, e que se vê agora forçada a encarar a necessidade, desmollar o pão. (*Chora.*) Oh ! não se ausente, pelo amor de Deus, não se ausente, por piedade.

ALFREDO.

Essa piedade, miseravel, foi implorada por alguém que ainda hoje geme sob o peso de tua infamia : essa piedade foi implorada por incauto que fraco em curvar-se á tua desprezível seducção, precipitou-se em um abysmo insondavel, e o juramento que proferi é que me conduz ao regozijo de contar moeda por moeda o dinheiro que te ganho. (*Apresenta o dinheiro.*)

JEREMIAS, *aparte.*

Desgraçado ! Não sahirás d'aqui com o meu dinheiro. (*Alto.*) Pois bem ; eu tenho joias no valor de dous contos de réis ; se quizesse ainda jogar . . .

ALFREDO, *aparte.*

Não faço bem, porém a convicção de que sou ajudado por Deus me conduz a aceitar. (*Alto.*) Jogarei. (*Vão para a mesa.*)

JEREMIAS, *vai á escrevaninha e tira um embrulho ; aparte.*

Ainda é tempo : inferno, protege-me ! (*Alto.*) Eis dous con-

tos de réis em joias. (*Abre um embrulho que é examinado pelos dous*) Temos uma quina e o inferno da detestavel dama ! (*Bate com o baralho.*)

ALFREDO.

Páro então os dous contos na dama.

AURELIO.

E' querer muita dama, meu amigo. Páro quatro contos na quina. (*Pára.*)

ALFREDO, *para Aurelio.*

Se queres parar contra mim, pára ; fica porém certo de que está decretada por Deus a minha inteira victoria.

AURELIO.

Deixa-me perder, e importa-te contigo.

ALFREDO.

Em tal caso pararei seis contos de réis na dama. (*Pára.*)

JEREMIAS.

Eu ainda posso forrar. (*Perde.*) Não posso porque o diabo quer por força que eu seja desgraçado. (*Arremessa o baralho com violencia, levantando-ce.*) Porém tu me has de dar o meu dinheiro ou então não sahirás daqui com vida. (*Avança para Alfredo.*)

ALFREDO, *empurrando-o.*

Desgraçado !

JEREMIAS, *estupefacto.*

Mas de que inferno é o senhor enviado ?

ALFREDO.

Espera, malvado ; espera, que te vou contar uma historia, pela qual concluirás que não sou enviado pelo inferno ; antes, porém, cumpre-me fazer uma pergunta ao Sr. Aurelio.

AURELIO, *aparte.*

Tudo no mundo é assim ; até este que ha pouco vi tão humilde já me trata por—senhor . . . (*Alto.*) E qual é ella ?

ALFREDO.

Desejo que o Sr. Aurelio me declare se pôde ou deve fazer prejuizos semelhantes ao que acaba de fazer.

AURELIO.

E qual a significação dessa pergunta ?

ALFREDO.

E' o presumir que um joven que se acha em suas circumstancias, um joven que principia sua carreira, e que por tanto só deve procurar manter sua dignidade, seu credito, unico meio pelo qual poderã progredir na sociedade : esse joven, digo, não póde ou não deve fazer prejuizos desta ordem.

AURELIO.

Essa reprehensão não remedeia o meu mal e portanto é inutil.

ALFREDO.

Talvez não seja tão inutil, porque ainda quando ella te não subtrahisse ao presente vexame, se a aproveitares, arrancar-te-ha ao precipicio em que te vejo bordejar.

AURELIO.

Ora, meu amigo, se perdi agora, dia virá em que repare o meu prejuizo.

ALFREDO.

Dia virá, em que te reduzas ao estado de mendicidade, por que a vida do jogador é, cedo ou tarde, a que tens presente; dia virá em que desesperado procurarás como louco o jogo que cada vez mais te envolverá no manto da miseria.

AURELIO.

Mas se reconheces verdade em tuas palavras, para que as desprezaste ha pouco acompanhando-me em jogar ?

ALFREDO.

E podes ainda duvidar ? E' porque eu sou um miscellanea. . . Mas recebe desse miscellanea um conselho que te ha de ser forçosamente proveitoso ; recebe, e um dia me agradecerás. Despreza esse abominavel passatempo, arremessa para longe a idéa de proseguires nelle ; recebe e não encontrarás agradecimentos a prodigalizar-me ; despreza, porque o jogo é fundado na esperanza, e a esperanza é um luzeiro falso que só aguarda o momento de nos escarnecer, e se elle um-vez te concede um pequeno prazer, cem vezes te arremessará em desesperação horrivel. O jogador, meu amigo, não tem

um momento de socego ; o jogador não tem alma, não tem coração ; o jogador é uma machina só tangida pelo ouro.

AURELIO.

Porém, Alfredo, o teu conselho seria talvez saudado por mim, se o dinheiro que perdi me pertencesse novamente ; ou se não tivesse de prestar centas delle a meu pai ; fiz o primeiro prejuizo e hei de procurar recuperal-o.

ALFREDO.

E depois do primeiro virá o segundo, e apoz este, todos os mais. Porém ainda é tempo de subtrahir-te a esse inferno em que te vejo transitar, porque crê, meu amigo, que é um verdadeiro inferno. O mancebo que se acha em circumstancias identicas às tuas, e que por um simples passatempo tem a fraqueza de jogar, perde por força ; se arrependido protesta não jogar mais logo que recupere o seu prejuizo, se tem constancia para dar comprimento á sua ju'a, elle perde, perde ainda, perde sempre, e se não tem constancia póde recuperar, ganhar, ganhar muito ; mas quando se supõe collocado em lugar de poder escarnecer da miseria, eis o estado a que se reduz. (*Aponta Jeremias, que está como que fulminado.*) Sou teu verdadeiro amigo, sou teu amigo de berço, vejo-te perdido, e quero salvar-te ; para que offereço-te como emprestimo osteus nove contos de réis ; e crê que a acção que agora pratico, longe de causar-me o menor pezar, enche-me o coração de jubilo, porque o homem pobre só o experimenta quando procede assim. (*Offerece-os.*)

AURELIO, hesitando.

Será um sonho tudo isso que se passa ?

JEREMIAS, aparte.

Oh ! ventura !

ALFREDO.

Não é um sonho, é o impulso do coração de um homem pobre.

AURELIO.

Oh ! Alfredo ! Como queres que exprima o que sinto agora em minha alma, não tanto pelo vexame a que me subtrahis-

te, mas por conhecer que ainda no mundo existem homens senhores de uma alma como a tua ! Pensas que ignoro todas as circumstancias de tua vida ? Suppões que não sei que estaes reduzido á miseria ? Crès que não sei tudo ? Oh ! eu não devo aceitar esse dinheiro.

ALFREDO.

Com é que não ignores nem uma das circumstancias de minha vida, porque nella terás um quadro vivo pelo qual te debes guiar. Aceita pois o dinheiro (*entrega-lhe*), e paga-me a minha offerta com um abraço que deve sellar a nossa amizade.

AURELIO, abraçando-o.

Meu amigo !

ALFREDO.

Agora auzenta-te porque preciso estar só ; e nunca penses em jogar.

AURELIO.

Adeus, Alfredo, espera do Céu a tua recompensa. (*Sae.*)

Scena V.

JEREMIAS E ALFREDO.

ALFREDO.

Agora nós, senhor.

JEREMIAS.

Agora nós alma generosa. (*Aparte.*) Quererá tambem dar-me o meu dinheiro ?

ALFREDO.

Perguntas-te-me ha pouco de que inferno era eu enviado. Entendi só dever responder-te agora ; vou portanto contar-te uma historia pela qual conhecerás que não sou enviado pelo inferno ; escuta-me ; — Ha ainda muito pouco tempo que em Botafogo existia um collegio dirigido por um homem que não sei por que fatalidade atrahia concurrencia de discipulos de uma maneira espantoza.

JEREMIAS.

Já sei a quem se refere.

ALFREDO.

Ouçá-me, porque serei breve. Esse homem, abuzando da confiança que se lhe depositava, sobranceiro ao castigo do céo entretinha se em arrastar os seus discipulos ao pricipicio ; havia no entretanto um, que sempre esquivou-se aos seus abominaveis convictes, pelo que era censurado e mesmo desprezado. Um dia, em um desses momentos a que o homem se não pôde subtrahir á tentação do inferno ; elle conseguiu convencel-o de que deveria encetar o escraboso caminho do horror e da miseria, elle conseguiu convencel-o de que deveria jogar. E esse mancebo, que pela intelligencia de que era dotado, pelo seu nascimento, e principios de sua educação deveria corcar seus pais com o loiro da gloria, desapareceu do mundo porque recebendo uma quantia para salvar uma letra de seu pai, perdeu-a jogando com o seu mestre ; e esse mestre eras tu.

JEREMIAS.

Tambem sei a quem se refere, mas eu não o convidei.

ALFREDO.

Elle não podia apresentar-se a seus pais sem prestar contas de sua incubencia, e portanto, dispoz de um rico adereço de brilhantes de sua pobre mãe, e ainda perdeu o valor delle.

JEREMIAS.

Mas não foi comigo.

ALFREDO.

Desesperado, perdido, esqueceu os principios em que foi alimentado, e ajoelhando-se aos pés de um homem que era seu padrinho pediu-lhe, como pedes-me agora, a salvaço da honra de seus pais, aquelle homem porém era senhor de um coração forjado na mesma machina que o teu, e por tanto escarneceu sua posição, sendo o j ven apresentado a seus pais em completa embriaguez ; e estes que por meio de seu credito viviam na abundancia, não puderam rezistir a um tal desfalque, e foram arremessados á miseria, ao passo que seu mestre, que tu, procuravas meios de espalhar a tua perversidade, no centro de outras familias que tambem viviam pacificamente, e o mancebo que forçado a assentar praça de soldado, foi remettido para o exercito deixando sua familia mer-

gulhadada na desesperação que que deves conceber ; deixou uma mulher a quem amava com esse amor só concedido aos desoito annos, com esse amor de fogo que parece querer fazer rebentar o coração no peito. Elle chamava-se Eduardo.

JEREMIAS.

Justamente ; mas eu não tive culpa.

ALFREDO.

Elle tem supportado o que só é dado conceber as almas nobres, porém Deus providente, concedeu-me o prazer com que contava ha muito, uunca julgando que fosse tão simples e completo ; concedeu-me o prazer de olhando para ti com o desprezo a que tens jus ; dizer :—Meu irmão, estás vingado ! (*Apresenta o dinheiro.*)

JEREMIAS.

Pois o senhor é irmão de Eduardo ? (*Ajoelha-se.*) Perdão, perdão para mim ; eu lhe prometto nunca mais jogar ; me dê o meu dinheiro pelo amor de Deus ; é de joelhos que lh'o peço.

ALFREDO.

E eu, é collocado na altura do prazer que experimento, que admiro a tua miseria, dizendo mais uma vez :—Meu irmão, estás vingado.

JEREMIAS, *ergue-se.*

Então não ha meio de obter o meu dinheiro ? (*Avança para Alfredo.*) Ladrão, dá-me o meu dinheiro.

ALFREDO, *atirando-o ao chão.*

Miseravel !

JEREMIAS.

Oh ! piedade . . .

ALFREDO.

Meu Deus ! Arrancai-me deste inferno, porque o semblante deste monstro m'inspira repugnancia. (*Sai.*)

Scena VI.

JEREMIAS, *só, olhando em redor de si.*

Foi-se . . . foi-se . . . Estou só e tenho medo . . . (*Ergue-se.*)

Será um sonho ? Será uma illuzão ? (*Pausa.*) Verdade, verdade pura porém horrivel ! (*Pucha os cabellos.*) Espera, espera malvado, daí-me o meu dinheiro, porque tu não o podes levar assim ! (*Pausa*) Miseravel que sou ! Como deixei aquelle malvado ausentar-se com o meu dinheiro e a sua vida ? E o que faço que não corro ao seu alcance. (*Vai ao F. e volta.*) Porquê não lancei mão daquellas pistolas ? . . . E quem dirá que é porque tenho medo de dispartal-as ? . . . Porém tu não aproveitaras o meu dinheiro com o socego que imaginas porque teu pai está reduzido á miseria, e vou participar-lhe por uma carta anonyma, que o queres matar para poderes destructar vinte contos que me acabas de ganhar. (*Vai á mesa e escreve.*) Com este plano eu me vingarei. (*Dobra o papel e guarda-o.*) Porém do que servirá a minha vingança, se por ella não posso obter o meu dinheiro ? (*Com força.*) Dinheiro ! dinheiro ! E' impossivel, eu não perdi, eu não vou esmolar o pão, e se vou é porque não ha Deus. (*Cai n'uma cadeira deixando cahir a cabeça sobre o peito.*)

Scena VII.

O MESMO E CAROLINA.

CAROLINA, *entrando.*

Deve ser aqui ! (*Vendo Jeremias.*) O senhor me poderá dizer se aqui mora . . . (*Reconhecendo-o.*) Oh ! Sr. Jeremias, vim justamente procural-o.

JEREMIAS.

E para que, senhora ? Como diabo pôde a senhora desencavar-me aqui ?

CAROLINA.

Tenho empregado todos os meios para encontral-o. Sabe que minha filha está louca ?

JEREMIAS.

Que tenho eu com isso, senhora ? Já alguma vez lhe disse que era medico .

CAROLINA, *aparte.*

Sempre como sempre ! (*Alto.*) Bem sei que não é medico, porém datando os meus maiores males do momento em que

empenhei as minhas joias, supponho ser castigada, porque nunca as deveria empenhar, por isso que, como uma vez lhe disse algumas me foram deixadas por meus pais; e á vista disso venho-as buscar, visto ter meios de o fazer.

JEREMIAS, *aparte*.

Com esta não contava eu. (*Alto*) Minha senhora, tenha paciência; eu precisei de um dinheiro, e não tive remedio senão hypothecar as suas joias, e visto a senhora as pretender agora em occasião em que me acho baldo de meios para as resgatar, peço-lhe me dê o importe do resgate para assim poder busca-las.

CAROLINA.

Em tal caso o senhor me dará a cautella que deve existir em seu poder, porque dar-me-hei ao trabalho de busca-las.

JEREMIAS.

Sinto não poder fazer isto, porque ellas estão hypothecadas a um amigo particular em quem deposito bastante confiança pelo que não exigí declaração alguma.

CAROLINA.

Em taes casos, Sr. Jeremias, não ha confiança, porque como sabe ha morrer e viver: não fez bem; mas enfim, tenho carro ás minhas ordens, e podemos ir juntos procurar esse seu amigo.

JEREMIAS.

Isso tambem não póde ter lugar, porque a pessoa a quem me refiro foi passar estes tres dias em Petropolis.

CAROLINA.

Ora, senhor Jeremias! Isso é muito subterfugio, e eu não tenho tempo a perder.

JEREMIAS, *resoluto*.

Nem joias a ganhar, porque ellas estão perdidas.

CAROLINA.

Como é isto?!

JEREMIAS, *desesperado*.

Sabe o que me succedeu? Não ha meia hora que me appa-

receram dous homens, creio que tangidos pelo diabo, que forçando-me a jogar, fizeram-me perder vinte contos de réis, e as suas joias tiveram o mesmo fim.

CAROLINA.

Agora é que lhe eu pergunto: o que tenho eu com isso?

JEREMIAS.

Mas tenho eu, que tenho de morrer á fome.

CAROLINA, *aparte*.

Miseravel! (*Alto*.) O que o senhor tem, eu ma declaração em meu poder, pela qual se obriga a dar as minhas joias.

JEREMIAS.

Que me importa com declarações. Vá exigir as suas joias de Alfredo Marcos que foi quem as ganhou.

CAROLINA, *aparte*.

Alfredo Marcos! Será possível?! (*Alto*.) Ora, Sr. Jeremias, pois o senhor deixou um rapaziño ganhar-lhe o dinheiro?!

JEREMIAS.

Desgraçadamente!

Scena VIII.

Os MESMOS, CAETANO, UM SARGENTO E SOLDADOS.

CAETANO.

Pensavas, ladrão que me havias de escapar? Sr. sargento, leve-o, leve-o e cuidado com elle.

SARGENTO, *segurando Jeremias*.

Está prezo: e desta vez a questão é toda com o chefe de policia, e não com o director geral dos estudos: creia que ha provas de sobra

JEREMIAS, *querendo escapar-se*.

Espere, eu sou professor...

SARGENTO.

Professor de ladroeiras. (*Dá-lhe um pontapé.*) Siga, ma-

riolla, não temos espera. (*Sai levando Jeremias aos empur-
rões.*)

Scena IX.

CAETANO E CAROLINA.

CAETANO.

Leve-o, leve-o. (*Vendo Carolina.*) Também por aqui?!

CAROLINA.

E' verdade; causa-lhe isso espanto? Pois lhe não devia causar, porque o senhor é sempre a causa dos meus males. quando não, eu não teria de empenhar as minhas joias para agora ter de ficar sem ellas.

CAETANO.

Quanto me peza ouvil-a sempre fallar-me assim. Quanto me é doloroso o me não proporcionar a senhora meios de demonstrar-lhe os sentimentos que me abraçam o peito... Fallam de mim, é verdade, mas que importa? Consinto mesmo que notem a minha real perversidade: porém, senhora, na vida de prescito, na do salteador, na do animal ferroz, existe um momento supremo que o faz esquecer o quanto ha de perverso, collocando-o junto a Deus; esse momento chegou, para mim, senhora, porque eu amo...

CAROLINA, *ironica.*

O senhor ama?! E a quem pertencerá essa ventura?

CAETANO.

Oh! não escarneça, porque se não deve escarnecer quem ama com paixão desesperada.

CAROLINA, *com desdem.*

Como me parece ridiculo o Sr. Caetano... Com que ama á minha filha?

CAETANO.

Como o céu ama ás estrellas, como amo o meu dinheiro, como nenhum dizer humano poderia exprimir.

CAROLINA.

Porém ella aborrece-o, detesta-o...

CAETANO.

A mim?! E porque?

CAROLINA.

Porque?... porque o senhor é o primeiro motor dos seus males; o senhor esquivou-se a salvar aquelle a quem ella amava, cujo amor a enlouqueceu; o senhor esquivou-se a salvar seu afilhado, a Eduardo.

CAETANO

A Eduardo?! Pois ella amava Eduardo?! Bem; em menos de quinze dias elle estará presente; porém, não, isso não; porque eu não posso concorrer para a proximidade de um rival. Mas, senhora, falle-me de uma outra maneira, diga-me: dezejo o teu sangue, a tua vida, os teus thesouros, e tudo será deposto a seus pés. A minha fortuna, a minha fortuna inteira, senhora, a troco d'um sorriso de Honorina.

CAROLINA.

Não ha thesouro no mundo, senhor, que possa comprar o sorriso da mulher que fôr nobre; o seu miseravel thesouro, portanto, só lhe poderá parecer valioso se fôr distribuido pela desgraça, a quem inteira pertence.

CAETANO.

E do que serve a sua enormidade, se por ella não posso satisfazer o meu mais simples desejo. Senhora, por piedade! E' uma proposta legal que lhe faço; peço-lhe a mão de sua filha; o que mais se póde exigir para um noivo do que o que lhe eu offereço? A senhora nunca ouviu fallar no mais rico de todos os capitalistas? Nunca ouviu fallar no usurario Caetano da Silva? Pois bem: esse capitalista sou eu, esse usurario sou ainda eu, que lhe póde proporcionar o que houver de real no mundo: as festas, os adornos, tudo lhe será facilitado ao capricho da imaginação.

CAROLINA.

Sr. Caetano, a unica realidade do mundo para a mulher, é a virtude: as festas passam com o volver do tempo, os adornos confundem-se na podridão do charco; a honra, unicamente a honra transpõe a eternidade onde é realmente recompensada.

CAETANO.

E o que vale a honra envolta no manto da miseria ?

CAROLINA, indignada.

Nem mais uma palavra... A honra envolta no manto da miseria exprime duas vezes—honra—, porque é aquella que se vai apanhar através do sacrificio da fome e da sede ; é aquella que em nenhuma situação deixa te olhar com a maior repugnancia ; com o eterno desprezo, seu abjecto perseguidor.

CAETANO.

Oh ! isso é demais ! Pois bem ; guarde para si a sua complacencia, porque eu não a preciso. Sou rico ! e as suas palavras que importam parvoices serão por mim desprezadas. Declaro que, ainda depois de cem annos, Honorina ha de ser minha, para o que empregarei todos os meios que me facilita o meu dinheiro. (Sai.)

CAROLINA.

Desgraçado ! Daqui a cem annos, o tempo, esse terrivel vingador da humanidade, te fará conhecer em presença de Deus a tua miseria !

(Cai o panno.)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

Uma estrada deserta ; pedras formando assentos, sobre um dos quaes está Eduardo sentado, ao levantar-se o panno.

Scena I.

EDUARDO, só.

Dez annos se teem passado ! E como é horrivel, como é doloroso contar um por um todos os minutos que contém dez annos no chrisol do mais tormentoso padecer ! Eu não posso descrever a existencia de Deos, mas a desabrida injustiça da sorte me arrasta á peccaminosa tentação de acreditar que, como os demais homens Elle tambem dorme, dorme ás vezes, e no seu somno que é profundo, se envolve o destino dos miseros viandantes da perigosa estrada da vida ; mas que fazer ? Suggestemo-nos aos Seus Sagrados Decretos á testa dos quaes Elle um dia se mostrará. Dez annos ! Cento e vinte mezes, é esperar muito tempo... Honorina ! Honorina ! O teu amante é um misero dezertor ! Minha pobre mãe ! o teu filho é um libertino ! Como são horriveis essas recordações que conduzem minh'alma a um estado de torpor impossivel de manifestar ! Ah ! destino ! Se me fosse dado o tocar-te um só momento eu não choraria o inferno que tenho tragado ; esse momento me indemnizaria de todos os meus soffrimentos. E o que devo fazer meu Deus ? ! Suicidar-me ? Oh ! não, não porque no meio de todos os tormentos, ha sempre uma luz que alenta o christão a qual brilha além sanguineas brumas que me nevoam o horizonte : essa luz é a esperanza... o homem que não a nutre, não crê em Deos, e só aquelle, é que se deve suicidar ; não me suicido portanto, esperarei o resumo desta vida tão escabrosa tão revestida de horrores. (Pausa.) E tudo devido a um homem, tudo devido a um momento de loucura ! Ah ! mundo ! mundo ! Ah infernal destino que me persegues ! (Forte.) Eu não espero tua protecção, eu não a exijo... Conclue a tua obra porque o meu braço sempre terá vigor para affrontar o teu furor ; prosegue porque d'ora avante elle será incansavel na satisfação de teudesperado desejo, o meu coração se regosijará na contemplação da carreira de

crimes que vou encetar, elle exultará com o momento de ver gotejar sangue, sangue sem medida explicavel, comparando os dolorosos gemidos de minhas victimas aos que elle tem despreendido. (*Observa.*) Oh! um vulto para aqui se encaminha! Occultemo-nos para não perder essa occasião de dar cumprimento á minha jura. (*Occulta-se no fundo.*)

Scena II.

EDUARDO, OCCULTO, E CAETANO.

CAETANO.

Com effeito! Nunca pensei que eu, rico, poderoso e respeitado por todos, tivesse de sugerir-me a tantos encommodos pela cousa mais simples do mundo: conquistar uma mulher! uma mulher que é pobre. Tenho pelos meus thesouros direito a fazer esquecer leis, a torcer o mundo inteiro, e vejo no entretanto todos os meus esforços mallograrem-se em presença das superstições de duas miseraveis mulheres. (*Pausa.*) É nada as pôde convencer! Nada! nem os meus offerecimentos, nem as minhas ameaças, nem mesmo o conseguir fazelas acreditar que as constituia minhas universaes herdeiras, apresentando-lhes o meu testamento, que não sei porque ainda conservo! Miseras loucas! Honorina Menezes, universal herdeira de Caetano da Silva, cujo unico herdeiro deve ser a sepultura que o guardar; com tudo, acreditaram, mas nem por isso cederam. Porém que valem as desesperadas opposições de Carolina? Que valem as opposições do mundo inteiro, se o meu dinheiro me fornece sempre meios de vencer! (*Pausa.*) Jeremias hade forçosamente passar por aqui, por ser de todas a mais conveniente estrada. (*Reflectindo.*) Porém quem sabe se aquelle malvado não fará comigo aquillo que seria eu capaz de fazer a outro? Não fiz bem em confiar-lhe o rapto della, porque, miseravel, sedento de ouro como é, será muito capaz de sacrificar-a a alguem por qualquer ridicula paga, sugerindo-me assim á decepção de vêr para sempre perdida a esperança de realisar o meu tão ardente desejo.

Que diz elle?

EDUARDO, *aparte.*

CAETANO.

Não fiz bem; mas onde encontrar um homem mais apro-

priado ao bom desempenho de tal empreza? Oh! mulher! Com que paixão desesperada me tem feito amar-te a tua infernal resistencia! Para destruil-a, sacrificaria... não, dinheiro não; mas sugerir-me-hia a mais ainda do que a essa encommoda viagem para Barra Mansa, onde te vou esperar com a mesma anciedade com que esperaria a recepção de uma boa quantia. (*Vai a sahir, Eduardo embarga-lhe os passos trazendo-o para a boca da scena.*)

EDUARDO.

Uma palavra.

CAETANO, *assustado, aparte.*

Estou servido! Coragem!... (*Alto.*) Mas com que direito exige de mim essa palavra?

EDUARDO.

Com o que me é facilitado pelas minhas circumstancias. Sabe quem eu sou?

CAETANO.

Nem preciso sabel-o.

EDUARDO.

Mas preciso eu dizer-lhe:—Eu sou um desertado das fileiras do exercito, que lhe proporciona a escolha entre a entrega de todos os seus metaes e a morte. (*Apresenta-lhe um par de pistolas.*)

CAETANO, *aparte.*

Era o que me faltava succeder. (*Alto.*) E' difficil a escolha.

EDUARDO.

Mas inevitavel.

CAETANO, *aparte.*

Só uma resolução me poderá salvar. (*Alto.*) Em tal caso aceitaré a primeira condição. (*Apparenta procurar a carteira, mas apresenta um penhal; Eduardo vacilla, sendo portanto levemente ferido, porque no momento em que Caetano descarrega o golpe, um tiro, partido da D., o atira por terra.*) Oh!

EDUARDO, *cambaleando.*

Eu não devo cahir porque quem reziste á maldição de

seu pai, deve tambem rezistir a uma punhalada. (*Encosta-se a uma arvore.*)

Scena III.

OS MESMOS, PRIMEIRO E SEGUNDO DESERTOR.

PRIMEIRO DESERTOR.

Saffa, diabo ! Livrei-te de bôa, meu amigo.

SEGUNDO DESERTOR.

Este diabo ainda um dia ha de ser victima de sua miseravel cobardia.

PRIMEIRO DESERTOR, *dirigindo-se a Eduardo.*

O peor é que chegou sempre a sangral-o.

SEGUNDO DESERTOR.

Vê lá se elle precisa algum soccorro emquanto passo uma revista em *ordem de marcha* ao tal fidalgo. (*Tira do bolso de Caetano uma carteira.*) Apre ! que este parece recheiado.

PRIMEIRO DESERTOR.

Então, Jeremias, o que sentes ?

EDUARDO.

Nada, absolutamente nada.

SEGUNDO DESERTOR.

Deixa-o, porque parece-me que estava bebado. Sim, por que só um bebado não dispára um par de pistolas sobre um ladrão que lhe quer tirar a vida ; a verdade é que se não tenho a mão tão certa e se o accaso me não fizesse passar naquelle instante, o diabo estaria agora, como este outro, conhecendo a verdade do mundo. Pódes, portanto, dizer que deves-me a vida, o que certamente me não agradecerás por que é esta a ordem das cousas ; este, amaldiçoa-me porque o matei, e tu recibes o meu obsequio com a frieza commum aos obsequios recebidos. Vou entretanto refrescal-o deixando-o rolar pelo rio abaixo. (*Sá arrastando Caetano.*)

Scena IV.

EDUARDO E O PRIMEIRO DESERTOR.

EDUARDO.

Oh ! eu sinto-me debilitado ! (*Resoluto.*) Mas, não ; eu

nada sinto, nada devo sentir porque foi muito menor o effeito desta punhalada, que o experimentado quando desprezado por meus pais, amaldiçoado por elles ! . . . (*No maior auge de desespero.*) Ouve : eu sou amaldiçoado por meus pais, comprehendes ! . . . E queres saber o que provocou essa maldição ? (*Baluciando.*) Foi . . . o . . . roubar ! roubar ! E queres tambem saber porque roubei ? Roubei porque o homem a quem foi confiada a minha educação me sepultou no inferno ; roubei porque meu mestre, o falso e desnaturado conductor, abusou da cegueira do misero incauto, conduzindo-o por escabrosa verêda, onde o deixou entregue aos horrores della, escarnecendo depois o resultado de sua obra !

PRIMEIRO DESERTOR.

Mas, meu amigo, o que havemos de fazer ? E' sorte do mundo. Eu tambem não nasci para esta vida, mas o que queres ? Fui extravagante ; fizeram-me assentar praça, o que me não fez bom cabello ; puz-me, portanto, na pira e eis-me como tu desertor, e como tal não ha remedio senão sujeitar-me ás circumstancias. Não quero com isso dizer que se deva matar a torto e a direito, mas logo que se é ameaçado não se deve exitar.

EDUARDO.

Oh ! descança, porque não exitarei mais, eu não exitarei emquanto lembrar-me de que ninguem exitou em sujeitar-me a dez annos de privações e tormentos. No entretanto, eu já havia sellado com juramento essa resolução, que não foi posta em pratica momentos depois ; mas é que não sei o que me inspirou a presença daquelle homem, que me acobardou de uma maneira tão deploravel.

Scena V.

OS MESMOS E O SEGUNDO DESERTOR.

SEGUNDO DESERTOR.

Com trinta milhões de diabos ! O tal sugeito de certo errou o caminho, porque não posso acreditar que um homem munido de tão grande *massagada* viesse abrigar-se ás nossas garras. Ora temos aqui uma carteira recheiada de boas cédulas, além de uma papellada que está de ha muito destinada para distrahir Jeremias de suas meditações. (*Atira-lhe uma*

porção de papeis que Eduardo apanha e examina.) Quanto aos *cumquibus*, (*aparte*) metade está salvo, (*alto*) vamos fazer a repartição maçónica; isto é, rin-tin-tin-pan, é meu; rin-tin-tin-tin-pan, é meu e teu.

PRIMEIRO DESERTOR.

Lá sobre isso nos arranjaremos convenientemente; apesar de *lambanceiro* como és, comigo só não se arranja o diabo.

EDUARDO, *depois de lêr os papeis.*

Que leio eu! (*Lé.*) « Constituo minha universal herdeira, a Honorina Menezes.—*Caetano da Silva.* » Oh! será possível meu Deus! Não ha que duvidar, era elle; era meu padrinho o assassinado! Devia ser assim mesmo! Caetano da Silva devia a meu lado receber o castigo de sua infamia porque a seus pés eu vi evaporar-se a minha honra, que com um seu leve movimento, podia tão amplamente salvar-se.

SEGUNDO DESERTOR.

Mais essa! Quando digo que esse diabo é maluco não o querem crêr.

EDUARDO.

E quem julgar que Deus não analisa o menor de nossos passos, incorre em erro fatal porque Elle os acompanha em toda a extensão.

SEGUNDO DESERTOR.

Ora dá-se cousa semelhante?!

PRIMEIRO DESERTOR.

Deixa-o. Que proveito te resulta de o escarnecer?

SEGUNDO DESERTOR.

Pois estou cá para ouvir sermões ou aturar malucos?

PRIMEIRO DESERTOR.

Então deixemol-o e vamos cuidar no nosso arranjo.

SEGUNDO DESERTOR.

Nisso concordo eu; deixemos esse idiota. (*Sáem os dous.*)

Scena VI.

EDUARDO, só.

O homem que é malvado e que por algum tempo é protegido pela injustiça da sorte; esse homem apresenta-se no mundo com o riso nos labios mas a desesperação no coração, desesperação estampada pelo remorso que incessante o persegue; elle não acredita sua derrota e comtudo teme-a e quando Deus julga conveniente empregar sua justiça, arrancando-lhe o que constitue sua falsa ventura, elle morre amaldiçoando-O, amaldiçoando-O, porque os malvados só O abençoam quando lhes Elle demonstra o seu poder proporcionando-lhes esta ou aquella ventura. Mas que importa o grão de perversidade do homem, que por um dever da Religião eu devo a todo o transe salvar? Subtrahir-me a esse esforço, importaria atrahir para mim a mesma repugnancia do Todo-Poderoso.

Scena VII.

JEREMIAS, só.

Apre! que estou caçado! Tenho andado como uma verdadeira besta! E talvez não valha a pena o sujeitar-me a tão reverente massada, porque comquanto os offerecimentos sejam vantajosos, comtudo negocios com o tal Sr. Caetano... E o grande caso é que o meu descaramento é tal que sempre me sujeita a elles. Mas que diabo hei de eu fazer senão procurar um meio de vida e aceitar o primeiro que se me offereça? Ha na verdade certas cousas que se não pôdem explicar senão por arte do diabo! A minha vida, por exemplo! Ora, como estudante era senhor de alguma intelligencia que nunca soube aproveitar como devia, e portanto só applicava-a no desenvolvimento da ladroeira; roubei, quanto canivete, lapis, livros, encontrava desgarrados; matriculado em uma academia, ahí a industria mudou de aspecto, mas simplesmente na escalla, porque os canivetes eram relógios, os lapis, carteiras; os livros, aneis; etc., etc.; expulso da academia por ter sido descoberto um desses gracejos um pouco pesados, para quem os soffria, e mortos meus pais, vi-me na necessidade de jogar com quanto bolecero existia na cidade, inventei logo uma ladroeira no joguinho que era

o trinta e um e algumas vezes o buzo, e por ella ganhei aos laes sugeitos algum dinheiro com o qual enroupei-me e fui morar em um collegio onde se não exitou em aceitar-se-me como professor, porque ordinariamente era o *refugium peccatorum* de quanto peralta existia no Brasil. Nesse collegio, perdoava as minhas lições por modicas esportulas, e aquelles que suppondo-se espertalhões subtrahiam-se ás retribuições de suas negligencias, haviam de chegar ao rego, porque no trinta e um, faziam espirrar o ultimo vintem. A fallar a verdade foi o melhor tempo de minha vida, mas julgando-me habilitado a dirigir um eslabelecimento por minha conta, tendo em mira contar com um certo numero de parceiros constantes, installei-o em Botafogo, onde vivi algum tempo fazendo a minha diariazinha de vinte a trinta mil réis, livres de despezas, porque nesse ramo de negocio não ha despeza possivel, além das de um livro de cincoenta e duas folhas e uma vela, quando a couza fôr noite, porém o fatal Sr. Eduardo não quiz que eu chegasse ao meu fim, forçando-me a abrir um hotel na Tijuca, o qual foi desorganizado de uma maneira um pouco pesada, porque o tal Sr. Caetano entendeu que por dez contos de réis, deveria oppor-se ao seu engrandecimento transportando-me para a casa de correção, isto é, para o logar que devêra ser desfructado por muitos que se acham hoje collocados em altas posições, mas qual! Só Jeremias é que é o perverso, o jogador, e o ladrão!... Depois de soffrer alguns annos de prisão, eis-me novamente procurado pelo mesmo Sr. Caetano que a fallar a verdade parece-me mais descarado do que eu, apresentando-me este meio que espero me ajudará a viver pacificamente: raptor de uma donzella. O peor é que esta é louca, e mais difficil será o transportal-a para onde me foi ordenado, e pelo geito só conseguirei isso depois de alguns dias, visto não dar dous passos sem declarar-se cansada, como agora mesmo succede; a cavallo não monta nem por Santo Antonio, e eu que a agente! emfim a retribuição deve suavisar a massada. (*Observa.*) Olá! Para aqui se dirige um vulto, e eu poderei de uma via fazer dous mandados, isto é, poderei dar cabo de um diabo que tenha dinheiro, e, em vez de entregar a Caetano a rapariga que conduzo, desfructal-a-hei, ao que me não resolvi ainda por achar-me exausto de meios para mantel-a, apesar de dar muito maior apreço a uma boa quantia, do que a quantos balões existam no mundo. Procuremos a oportunidade. (*Occulta-se no F.*)

Scena VIII.

JEREMIAS, OCCULTO, E EDUARDO.

EDUARDO.

Baldados esforços. Ante o Supremo Tribunal elle presta sua conta e lá onde a alma se apresenta purificada lembrar-se-ha, talvez, de que não fui eu que o assassinou. No entretanto, o seu testamento cencede a Honorina... Oh! Honorina!... Sim a ella, e portanto, a mim, inteira independencia ante essa corrupta sociedade, cujo conductor directo é o ouro; poderia, portanto, apresentar-me a ella, que sempre esquece o passado pela ambição da oppulencia.

JEREMIAS, *aparte.*

Opulencia!... Que significa esse discurso?

EDUARDO.

Mas como florear nella, um homem repugnado por ella mesma? Como apparecer um ladrão?

JEREMIAS, *aparte.*

Ladrão!... Mão; *lobo não come lobo*, mas é quando não tem fome. (*Tira um punhal.*)

EDUARDO.

Comtudo, esse ladrão ha de ser por ella saudado com enthusiasmo, porque é rico.

JEREMIAS, *aparte.*

Espera que te vou acompanhar em teus raciocinios. (*Aproxima-se com tenção de assassinal-o.*)

EDUARDO, *vivamente.*

Mas, alguém me falla em meia voz! (*Engatilha as pistolas.*) Quem vem lá?!

JEREMIAS, *deixando cahir o punhal, aparte.*

Virgem Santissima! Que voz de diabo! (*Alto.*) Um pobre viajante que, cansado, pede-lhe, o guie ao caminho da Barra Mansa. (*Aparte.*) Se eu tivesse uma pistola...

EDUARDO.

Eu sou quem te pede me guies ao fundo dos teus bolsos.

JEREMIAS, *aparte*.

Estou arranjado! (*Alto*.) Senhor, pelo amor de Deus, não me mate... Eu sou um desgraçado que lhe pede sua protecção.

EDUARDO.

Ainda bem que com a tua exigencia, forneces-me um direito de tambem exigir de ti; pedes-me protecção, peço-te dinheiro.

JEREMIAS.

Mas que dinheiro lhe posso eu dar? Qual póde ser o capital do pobre homem que vive do seu ordenado como professor?

EDUARDO, *recuando*.

Professor? Vós sois um professor? Oh! então deveis ser um tyranno... E... se me não engano... Oh!... vós... vós... dirigistes um collegio em...

JEREMIAS.

Botafogo...

EDUARDO.

Chamais-vos...

JEREMIAS.

Jeremias Ferreira.

EDUARDO.

Oh! Finalmente estás em meu poder Jeremias Ferreira.

JEREMIAS, *cynicamente*.

Mas como me conhece?

EDUARDO.

Não era preciso tantas explicações, dispensaria mesmo o aspecto de tua miseravel cobardia, tal era o desejo que tinha de encontrar-te. E haverá quem pense um só momento a não existencia de Deus?... Jeremias Ferreira, treme do furor do homem desesperado, treme do meu furor, porque a tua vida está estampada na ponta do meu punhal...

JEREMIAS, *chorando*.

Mas que mal lhe fiz eu? (*Aparte*.) Haverá por aqui algum hospital de alienados? (*Alto*.) Quem é o senhor?

EDUARDO.

E é a mim que perguntas o mal que me fizeste? Pois bem; eu vou dar-me ao trabalho de responder-te, prevenindo-te desde já que a minha resposta te não será agradável. Eu sou um homem que gotta a gotta tenho tragado o calix da amargura, da desesperação, e do remorso; eu sou o assassino de meu pai e de minha familia inteira, e enquanto desfructavas o mundo, enquanto rias e folgavas, eu engulia os meus gemidos tangidos pela desesperação, por ti estampada em minha alma.

JEREMIAS, *aparte*.

Esta só lembra ao diabo! (*Alto*.) Senhor, deixe-me passar, eu não tenho dinheiro, não lhe conheço, nem me lembro de ter feito mal a ninguém.

EDUARDO.

Passar! Não; já tens passado onde nunca deverias chegar; aqui, porém, tens de prestar conta ante o tribunal que não perdôa. Não te lembras desse covil que dirigiste em Botafogo? Esqueces-te que, aconselhado pelo demonio, conseguiste mergulhar na desesperação do inferno uma familia inteira perdendo um dos teus discipulos? Não te lembras de Eduardo?

JEREMIAS, *aparte*.

Aqui a questão muda de aspecto. (*Alto*.) Pois o senhor será tambem irmão de Eduardo?

EDUARDO.

Não sou seu irmão, mas sou aquelle a quem foi confiada a sua vingança e não sendo um miseravel como tu que esqueces os teus compromissos, os teus deveres por uma nojenta quantia que te embriaga, jurei apresentar o resultado de minha incumbencia, e é chegado o momento, Jeremias Ferreira.

JEREMIAS.

Mas, senhor, eu já fui tão castigado por aquelle fatal erro; castigado de uma maneira tão barbara, que ainda hoje me horrorisa o pensar na especie do castigo, e, portanto, tenha pena de mim, pelo amor de Deus.

EDUARDO.

Foi justamente assim que elle pediu a quem o podia salvar

não obtendo mais que o escarneo; foi ajoelhado que elle supplicou a seu padrinho a sua salvação, sem ao menos obter o que te vou conceder agora:—a morte! Foi ajoelhado que elle se offereceu para servir como escravo toda sua vida, pensando ser aquelle o meio de obter dezesseis contos de réis, com os quaes poderia salvar a honra de seus pais, roubada por seu mestre.

JEREMIAS.

Mas, eu paguei com usura disproporcioual o mal que causei, porque tenho soffrido muito.

EDUARDO.

Nada tens soffrido, em relação ao que deves soffrer, em relação ao que elle soffreu, e ao que ainda hoje soffre, porque, enquanto disfructavas o seu dinheiro, elle era, no verdor dos annos arrancado do seio de sua familia, para, revestindo-se com a insignia da desgraça, sugeitar-se como vil escravo ao menear da prancha de barbaros que, transportados ao despótico grão de commandante querem a todo transe tirar a desforra a que teem direito, massacrando espesinhando aquelle a quem talvez devesse respeitar; nada tens soffrido porque não tens alma, não tens coração, ao passo que o delle, era estortigado pela idéa de abandonar a candida virgem a quem amava louca e desabridamente! Queres uma recapitulação dos successos que precederam a este? Depois de haver sepultado a honra de seus pais, procurando evitar a vergonha a que teria de sugeitar-se, embriagou-se e quando deu accordo de si achava-se ainda manietado como um vil assassino no fundo do purão de um navio, onde só reconheceu a sua posição pelo movimento que o debilitava, e pelo rude catico dos marinheiros. Alli, alli, Jeremias Ferreira, a desgraça, sob mil aspectos, esvoaçava em torno de seu cerebro como visão horrivel e emquanto blasphemava contra Deus, em quanto amaldiçoava sua mãe, ella tambem o amaldiçoava!... E sabes o que importa a maldição de um pai? Oh! não podes saber, porque a tu'alma é forrada de bronze, e, portanto, não comprehende senão o que fôr relativo á misoria e á infamia! E o movimento, que era o mesmo, demonstrava-lhe que o navio proseguia sua marcha com velocidade espantosa, e o monotono cantar dos marinheiros imprimia em seu coração o que jámais te poderei explicar. Oh! imagina agora o que então soffreria; compara os teus soffrimentos...

JEREMIAS.

Pardão, meu amigo!

EDUARDO.

Forçado a assentar praça de soldado fez-se conhecer pelo nome de Jeremias Ferreira para nunca esquecer o do autor de todas as suas desgraças, resignava-se ao peso do trabalho, sugeitando-se á dolorosa imposição de seu fatal destino, até que sendo pelo seu coronel convidado a favorecer o na empresa da seducção da filha de uma pobre mulher que lhe prodigalisava os cuidados de carinhosa mãe, repelliu aquelle convite com a energia aconselhada pela nobreza de seu caracter, sugeitando-se assim ao estúpido direito de perseguição que nunca falta ao homem material que é protegido pelos artigos e leis de guerra. Então, conviva eterno do opiparo banquete de todas as desgraças, decide-se a arrostal-as uma a uma, antes de sugeitar-se a concorrer para a consumação de tal infamia, mas, um dia, revoltando-se com tão acerrima perseguição, que não merecia, porque, ninguem melhor do que elle procurava bem desenvolver-se no cumprimento de seus afanosos deveres, entra em questão com o commandante, é provocado, e entende que para salvar o seu decôro, que acaba de ser enchuvalhado, deve transpôr todas as considerações impostas pela subordinação e disciplina militar, e em presença do regimento que se acha formado e que inteiro testemunhara a grave offensa que acabava de soffrer, deve investir o seu offensor; o que succedido, é elle de pés e mãos amarrado e lançado em um carcere. Tão manifesta criminalidade dispensou qualquer fórmula de processo e á vista della decidio o commandante, de accordo com os seus officiaes mandar fuzilar no dia immediato o filho do commandador Antonio Marcos. No mesmo instante, a noticia grassou em toda a Aldêa, e a amiga de Eduardo que já esperava esse fatal desfecho em tão renhida lucta, revestida de coragem de verdadeira mulher de guerra, espera anciosa a protecção da escuridão da noite, dirige-se á sentinella do carcere, apparenta fazer uma syndicação, e, aproveitando a distracção della não treme e crava-lhe um punhal que, resvalando-lhe o coração, o faz cahir instantaneamente. Então, senhora de feroz coragem, apodera-se das chaves e abre o carcere dizendo:—Morre o homem que não conheço, para salvação do pugnador do unico esmalte que deve realçar no pestilente espaço da vida,

a—honra ! E com o punhal ainda gottejando sangue, desembaraca-o das cordas que o comprimem, pondo-o em liberdade !

JEREMIAS.

Coitado !

EDUARDO.

Elle teve a felicidade de poder evadir-se do carcere, mas, em sua fuga é acompanhado pela desgraça de ser considerado desertor, além de tambem o ser assassino da sentinella que não matou. E tudo isso succedia, Jeremias Ferreira, enquanto gosavas os falsos e mesquinhos prazeres de tua vida, imaginando meios de a florear.

JEREMIAS, *querendo ajoelhar-se.*

Perdão, senhor ; perdão para mim !

EDUARDO.

Tem-se ainda dado com elle scenas horriveis que forçoso é esquecer para minorar a tua pena, para não conceder-te a vida, porque seria o mais terrivel castigo que te podia eu applicar, por isso que antes de chegar-mos á preseuça de Deus, já na terra temos experimentado o premio ou castigo de nossas acções, premio ou castigo que é confirmado em sua presença ; tem-se dado occurrencias extraordinarias, antes de se classificar—salteador.

JEREMIAS.

Eduardo, salteador !

EDUARDO.

Não ouses proferir este nome, porque és mais salteador do que aquelle que rouba com o risco de sua vida.

JEREMIAS.

Mas que culpa faz reverter sobre mim a dolorosa circumstancia de classificar elle de salteador ?

EDUARDO.

Pergunta ao jardineiro a culpabilidade que sobre si faz reverter o haver semeado em um lindissimo jardim, onde só deveriam brotar delicadas flores, o brusco cardo e reconhecerás então a que reverte sobre o mestre que industria seus disci-

pulos na sciencia da perdição ; as consequencias são simples: o cardo espinha o jardineiro em um momento de distracção; o discipulo apresenta a seu mestre um par de pistolas para bradar-lhe :—Eis a tua recompensa, meu mestre ! Dá-me a bolsa ou a vida !

JEREMIAS.

O coração m'o havia predicto... Não ha que duvidar... Sois Eduardo ! Meu amigo, Deus tambem perdoou aos seus sacrificadores, e, portanto, perdoa-me, porque te recompenserei com a posse de uma donzella que eu havia raptado para Caetano da Silva.

EDUARDO.

E é com mais uma prova de tua abejecção que pretendes atrahir a minha complacencia ? Pois bem ; deixa-me ao menos salvar essa victima, porque Caetano da Silva acaba de apresentar-se ante o Tribunal onde tem de justificar seus desvarios.

JEREMIAS.

Que ! Pois é morto Caetano ?... Tanto melhor ; eu irei buscar a donzella, e, em menos de dez minutos, estarei comtigo.

EDUARDO.

Dez minutos ! Foi este justamente o prazo que marquei á mulher a quem amava, como parece-me amares a vida que te hei de arrancar, quando a deixei para nunca mais vê-la. Mas, tu me não has de enganar.

JEREMIAS.

Como enganar ? Se me quizeres acompanhar, far-te-hei conhecer a verdade de minhas palavras.

EDUARDO, *observa.*

Ainda bem ; Simplicio te acompanhará ; mas fica certo de que se a tua narração occultar uma estrategia, tu soffrerás o que não imaginas.

Scena IV.

EDUARDO E o PRIMEIRO DESERTOR

EDUARDO.

Prestar-me-has um obsequio, Simplicio ?

PRIMEIRO DESERTOR.

Dous ou tres; que te convenham.

EDUARDO.

Bem ; acompanha este homem a pouca distancia, e sô o conductor de uma donzella que se acha em seu poder. (*Aparte ao desertor.*) Toma no entretanto toda precaução com a tua vida porque este monstro é capaz de tudo.

PRIMEIRO DESERTOR.

Oh ! não te dê isso cuidado. (*Alto a Jeremias.*) Vamos, senhor,

JEREMIAS.

Vamos, meu amigo. Fica descansado, Eduardo, porque em poucos instantes estarei contigo. (*Aparte.*) Este diabo não voltará mais porque lhe mostrarei o caminho do outro mundo. (*Sáem os dous.*)

Scena X.

EDUARDO, só.

Vai, desgraçado ! Vai porque a sorte do mundo é esta mesma. Quem planta ha de forçosamente colher ! (*Observa.*) Mais outro se aproxima e Deus que o desampara entregando-o ao meu furor, é por ser elle pouco mais ou menos semelhante ao malvado que me acaba de deixar. Occultemo-nos. (*Occulta-se.*)

Scena XI.

O MESMO, OCCULTO, E ANTONIO, miseravelmente vestid o.

ANTONIO.

Ainda assim, meu Deus, forçoso é tentar todos os meios de converter o malvado ! Infame ! Mais do que aquelle que se regozija com os dolorosos gemidos do desgraçado, porque elle nunca consentiria a miseria de seu pai, nunca concorreria para ella. Qual será o designio de um monstro que senhor de uma grande quantia, sugeita seu pai á miseria e á vergonha, por um terço ou um quarto della ? Eu bem o penetro. E' que elle quer realisar o que ha dez annos me foi declarado;

é que elle me quer assassinar ; porém, por mais perverso que seja o coração de um homem, a presença de seu pai que lhe offerece o peito ao golpe pelo qual disfructará a vida como deseja, sempre o aterra, e talvez o meu plano seja proficuo.

EDUARDO, *aparte.*

Este lamenta-se, mas nem por isso evitará a sua morte.

ANTONIO.

Como sou desgraçado ! Um que pela pureza de seu coração poderia consolar-me na miseria, está . . . nem me quero lembrar onde estará ; o outro que por um raio de felicidade podia descarregar-me da vergonha, quer assassinar-me, para então disfructar o seu dinheiro. (*Observa.*) Meu Deus ! Eu não estou só, e o meu plano será talvez frustrado. Por essas estradas costumam viajar homens importantes, se este me dêsse uma esmola, porque realmente principio a ter fome . . . Está resolvido vou pedir-lhe uma esmola.

EDUARDO, *aparte.*

Não devo exitar. (*Approximam-se mutuamente. Alto.*) A bolsa ou a vida !

ANTONIO.

Uma esmola, pelo amor de Deus !

EDUARDO, *inclinando as pistolas.*

Velho astucioso ! Eu tenho mais sêde de sangue do que de ouro ; reconhece, pois a tua situação e prepara-te . . .

ANTONIO.

Salteador ! Eu não temo tua ameaça, porque procuro a morte que só busca a quem a teme, e só é temida por aquelle, que como tu receia prestar contas em presença de Deus ! Salteador ! esse receio me não acompanha, porque a minha consciencia gosa a tranquillidade do céu ; descarrega, portanto, sobre mim as tuas armas e no echo do estrondo dellas, reverterá sobre ti a benção do desgraçado da terra.

EDUARDO.

A benção do desgraçado da terra ! E o que vale ella para o homem que tem recebido a maldição de seu pai ?

ANTONIO.

E's amaldiçoado por teu pai?! E sentes essa maldição como deves sentir?

EDUARDO.

Oh! muito, muito, tanto quanto nenhum dizer humano conseguia revellar-te.

ANTONIO.

E' esse um indício de nobreza que não corresponde á tua profissão.

EDUARDO.

Provocas-me a uma narração que me apraz; ouve-me, pois:—Eu sou filho de um homem, cujos meios de subsistencia eram extrahidos do difficil cofre da probidade e da honra, mas o imprudencia da juventude, inflamada pela infamia de um monstro, arrebatou aquella honra que com tanto sacrificio tinha sido mantida; o que succedido, forçaram-me a assentar praça; desertei, e, eis portanto, o filho do commendador Antonio Marcos, atacando na estrada os pacificos viajantes.

ANTONIO.

Meu Deus! Meu Deus! Como sois misericordioso! Eduardo! meu pobre filho:—perdão para teu pai!

EDUARDO, *convulso*.

Meu pai! Oh!... a vossa benção, meu pai... (*Abracam-se com effusão.*) E minha mãe? meu irmão? Honorina? Sim, Honorina? Fallai, fallai, dizei depressa alguma cousa sobre ella!

ANTONIO.

Honorina!... O que te hei de eu dizer, quando sou forçado a annunciar-te a sua loucura?

EDUARDO.

Louca!

ANTONIO.

Desde tua partida.

EDUARDO.

Mas, ella se ha de restabelecer, não é assim? Ella ha de forçosamente ser minha esposa, não é verdade? Porém que é

isso? Alteram-se as vossas feições! Não respondeis-me?! Oh! senhor, fallai, por piedade.

ANTONIO.

Honorina!... foi, apezar do seu estado de loucura, roubada ha poucos dias!

EDUARDO.

Roubada! (*Recordando-se.*) Uma donzella roubada! Oh! (*Vai a sahir mas um tiro disparado dentro o faz recuar.*) morta!

ANTONIO.

Meu pobre filho! (*Corre a elle.*)

Scena XII.

Os MESMOS E O PRIMEIRO DESERTOR.

PRIMEIRO DESERTOR.

Salta diabo! O ladrão acaba de expirar. Principiou uma massante narração do seu passado, com a qual, ao que parece, tinha em mira distrahir-me, o que conseguido saca um punhal e com elle faz menção de sangrar-me, bem aqui na arteria (*aponta o coração*); eu, porém, prevenido como estava, tive tempo de *barrer* o golpe, desfechando-lhe a dita nos miolos.

EDUARDO.

E a donzella? Onde está Honorina?

PRIMEIRO DESERTOR.

Espera, ellaahi vem só, porque oppoz-se barbaramente a acompanhar-me; olha: ei-la que chega. O que te peço é que nunca mais me faças incumbencias desta ordem, porque são verdadeiros *massos*. Até logo, meu amigo. (*Sai por onde tiver entrado.*)

Scena XIII.

ANTONIO, EDUARDO E HONORINA.

ANTONIO E EDUARDO.

Honorina! (*Correm a ella.*)

HONORINA.

Espera ! E' curta a minha demora... E' apenas de dez minutos.

EDUARDO.

Honorina !... Ella !... Sim ; não é um sonho ; é ella...
(*Tenta abraçá-la.*)

HONORINA, *repellindo-o.*

Não ouseis tocar-me ! Queres ouvir a minha historia ? E' o quanto te posso conceder. Mas, não, eu não t'a narrarei por que tenho muito bom coração, e ella te fará, talvez, chorar, porque é lugubre como o echo do sepulchro. triste, triste... como o que?... Nada... (*Gargalhada.*) Mas, ouve :—Era uma noite medonha ! chovia a cantaros ! O homem nobre e altivo reunia todas as suas ambições em uma unica :—ser amado de sua noiva. Refrejava todos os seus desejos em um unico :—parecer-lhe nobre ! Um dia, porém, esqueceu toda sua altivez, toda a sua nobreza, nivellando-se com uma horda de homens devassos ! Juntava um por um todos os reaes que pudesse alcançar, não distraindo um [só que não fosse para mimoseal-a ! Um dia, jogou e perdeu-os todos... olhe, foram todos !... não reservou um só ! Mas o desgraçado não ficou contente : abusou da boa fé de seu pai e jogou todo o dinheiro que d'elle havia recebido para pagar uma letra, e, mais tarde, o ladrão roubou o adereço de sua mãe, e o jogou igualmente !

EDUARDO.

Tudo isso é real, minha amiga ; mas, attende, attende á voz da razão, e tem piedade de mim.

ANTONIO.

Honorina ! minha filha ! Eduardo está salvo ! elle está contigo.

HONORINA.

Elle ? ! Não... o ladrão, foi amarrado, como devia ser... Coitado ! Eu o observei quando jogava : o halito daquella multidão de homens perdidos lhe revoltava a alma ; o echo de suas palavras sempre estupidas, sempre repetidas, repercutia em todas as fibras do seu coração, como se partidas de dentro do inferno ! O riso do adversario era satânico por ser

o precedente ao do da desesperação de amanhã ; eu queria bradar :—Espera, alma damnada ! Sê mais lento na condenação do meu amante ! mas não tinha tempo, porque o infeliz... perdia de momento. Depois foi para o exercito ; deuse logo um combate : as bayonetas chocavam-se violentamente ! as balas crusavam-se a miudo, e uma dellas... varrou-lhe o coração ! E elle morreu, suppondo, talvez, que eu attribua todas aquellas desgraçadas circumstancias ao fogo da loucura dos dezoito annos, morreu ignorando que eu comprehendia su'alma como comprehendo a minha ; mas, ouve agora a minha persuasão :—Fos-te desgraçado, porque no teu horisonte se lia gravada com letras de fogo a palavra—**DES-GRACA**—, e eu que comprehendo a força do teu destino, brado-te bem alto :—Amo-te, Eduardo ! amo a tua saudosa memoria, como amo a Deus, como amo minha mãe ! (*Dando accordo de si.*) Mas, o que querem os senhores ? Como são indiscretos !

ANTONIO.

Attende, meu filho, este é o momento aproveitavel. Honorina !

HONORINA.

O que me quer ?

ANTONIO.

Eduardo está contigo ; queres vê-lo ?

HONORINA.

Eduardo ? Eu parece ter ouvido a voz desse homem ! Onde está elle ?

EDUARDO, *ajoelhando.*

A teus pés, Honorina, supplicando perdão !

HONORINA.

Perdão?... (*Encara-o.*) Oh ! este homem... é... (*Ar-quejante.*) Eduardo !... (*Lança-se-lhe nos braços.*)

EDUARDO.

Eduardo, que nunca esqueceu um momento a divida contrahida.

HONORINA.

Mas, onde estou eu ? Onde está minha mãe ?

EDUARDO.

Sim, nossas mãis ? Meu irmão ?

ANTONIO.

Tua mãe vive ; e a presença de teu irmão que chega, te instruirá da circumstancia que me proporcionou a felicidade do teu encontro.

Scena XIV.

Os MESMOS E ALFREDO.

EDUARDO, *corre a elle.*

Alfredo ! (*Tenta abraçal-o.*)

ALFREDO, *repelle-o, aparte.*

Meu Deus ! (*Alto.*) Ainda é cedo.

ANTONIO.

Mas não o é para fazer-te uma pergunta :—Sabes porque mandei-te esperar-me, e vim esperar-te aqui ?

ALFREDO.

Não, senhor.

ANTONIO.

Dir-t'o-hei.—Não deve ser pelo apreço que dou ao teu miseravel dinheiro, não, porque, ao menos tu, has de conhecer o grão a que se eleva a minha dignidade, mas é porque sinto o sangue correr-me nas veias, ardente de indignação, de indignação propria á do pai que vê um filho que o pretende assassinar.

EDUARDO.

Oh ! . . .

ANTONIO.

Podias, porém, alcançar o teu fim, salvando as apparencias, porque, eu, velho, sugueto a estes e a idênticos dissabores, pouco poderei resistir. Tenho certeza de que me queres matar, e para subtrahir o parricida ao cadafalso, para arrancar a elle o meu nome, já tão degradado, procurei este deserto, onde, sem receio da justiça, poderás concluir o teu execravel plano. (*Tira uma carta do bolso.*) Lê este anonymo que ha dez annos me foi dirigido, e fere.

EDUARDO E HONRINA.

Meu pai !

ALFREDO.

Senhor !

ANTONIO.

Oh ! Eu não me posso conter ante a ameaça de um homem que se diz meu filho. Fere, fere, monstro ! ou então recebe a minha . . . mal . . .

EDUARDO E HONRINA.

Meu pai ! . . . (*Levam-lhe as mãos aos labios.*)

ALFREDO.

Deixa que sobre mim recaia a maldição de meu pai, pôr que eu não a desafio, e comtudo não a temo ; deixa, porque comquanto ella seja semelhante ás caldeiras do inferno, é comtudo muito inferior á benção de Deus que nos ouve no presente momento !

ANTONIO.

E és tu que ousas invocar o nome de Deus ? !

ALFREDO.

Sim, sempre Deus, sempre Elle a Quem devo a felicidade de poder justificar o meu proceder dizendo :—Eis, meu irmão, o prejuizo que causaste a meu pai ; restitue-lhe intactos os seus vinte contos de réis. (*Entrega-os a Eduardo.*)

ANTONIO.

Alfredo ! meu filho ! Perdão para mim !

ALFREDO.

O pai, senhor, nunca pede perdão a seu filho ; o filho é que ajoelhado lh'o supplica. (*Beija-lhe a mão.*)

EDUARDO.

Mas como obtiveste este dinheiro ?

ALFREDO.

Teremos muito tempo para narrar-te a minha historia que é um pouco longa ; por emquanto só me cumpre lembrar-te de que és um desertor a quem a lei não perdôa.

HONORINA.

Desertor ? !

ANTONIO.

E eu que me havia esquecido dessa fatal circumstancia ! A lei não perdôa . . .

EDUARDO.

A lei só peza sobre desvalidos . . . Honorina é senhora da máis invejada fortuna do Brasil.

TODOS.

Porém, como ?

EDUARDO.

Com a morte de Cactano da Silva que a constitue sua universal herdeira.

ANTONIO.

E é morto Cactano ?

EDUARDO.

O foi ha poucas horas, por um dos meus companheiros, quando mandatario do rapto de Honorina, tentou assassinar-me com o presente ferimento. (*Mostra o peito.*)

ALFREDO.

E o seu raptor ?

EDUARDO.

Jeremias Ferreira, que foi igualmente morto.

ALFREDO.

Bem fundada foi a minha presumpção ! . . . Sempre elle !

EDUARDO.

Sempre elle !

ANTONIO.

E o que se póde descobrir de extraordinario em todas estas circumstancias, entre nós dadas ha dez annos ?

ALFREDO.

Nada ; porque nunca é extraordinaria a revelação do poder de Deus.

HONORINA.

Viva, pois o poder de Deus !

ANTONIO.

Viva o poder de Deus a Quem ajoelhado supplico forças para poder sempre abençoar meus pobres filhos !

(*Cai o panno.*)

FIM DO QUARTO E ULTIMO ACTO.





